

UNIVERSIDADE FEDERAL DE FEDERAL
Faculdade de Enfermagem
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Dissertação



**‘AGORA ME DEI CONTA’ – OS POSSÍVEIS MOVIMENTOS NA PRÁXIS
DOCENTE SOBRE O ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM UMA
ESCOLA PÚBLICA**

Priscila Borges Silveira

Pelotas, 2018

Priscila Borges Silveira

**‘AGORA ME DEI CONTA’ – OS POSSÍVEIS MOVIMENTOS NA PRÁXIS
DOCENTE SOBRE O ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM UMA
ESCOLA PÚBLICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências. Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de Pesquisa: Saúde Mental e Coletiva, Processo do Trabalho, Gestão e Educação em Enfermagem e Saúde.

Orientadora: Dr^a. Enf^a. Luciane Prado Kantorski

Pelotas, 2018

Priscila Borges Silveira

‘Agora me dei conta’ – os possíveis movimentos na práxis docente sobre o álcool e outras drogas em uma escola pública

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, para obtenção do grau de Mestre em Ciências. Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de Pesquisa: Saúde Mental e Coletiva, Processo do Trabalho, Gestão e Educação em Enfermagem e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 31/08/18

Banca examinadora:

.....
Prof^a. Dr^a. Luciane Prado Kantorski (Orientadora)

Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo (EERP)

.....
Prof^a. Dr^a. Fabiane Tejada da Silveira (Titular)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

.....
Prof^a. Dr^a. Michele Mandagará de Oliveira (Titular)

Doutora em Enfermagem e Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (EERP)

.....
Prof^a. Dr^a. Liamara Denise Ubessi (Suplente)

Doutora em Ciências – Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

.....
Prof^a. Dr^a. Beatriz Franchini (Suplente)

Doutora em Ciências – Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Dedicatória
Ao meu irmão Rodrigo (in memoriam)
Que “me ensinou a nunca desistir,
nem ganhar, nem perder,
mas procurar evoluir”

Agradecimentos

Agradeço a passagem nesta vida como oportunidade cotidiana, em todos sentidos, de aprendizagem e evolução do ser.

À minha mãe e meu pai que souberam suportar uma agenda cheia de compromissos de uma filha, no momento de aceitação de desencarne de outro filho.

Às minhas amadas sobrinhas que foram luz para nossa família e principalmente me fizeram enxergar o quanto ainda temos para viver.

À minha família que juntos compreendemos que o amor está acima de tudo e que o sentido da vida está nas pessoas e não nas coisas.

Às minhas amigas e amigos que considero essenciais na vida da gente, são mãos, braços, abraços, e digo muitos abraços.

Ao meu companheiro, que acredito ser de outras vidas, obrigada por voltar e inclusive provar que embora não possamos voltar atrás e fazer um novo começo, podemos começar agora e fazer um novo fim.

Aos meus três pequenos que me fizeram compreender que mesmo com tantas responsabilidades, amar e cuidar sempre será prioridade.

Às (aos) professoras(es) que tive ao longo da minha vida, se hoje meu estudo é sobre a práxis docente é porque, assim como Freire, também acredito que a educação é um ato de liberdade e se hoje cheguei aqui é porque neste caminho muitos de vocês foram facilitadores neste processo de me libertar.

Aos (as) colegas de mestrado, gratidão pela sensibilidade que tiveram comigo em momentos tão delicados e principalmente por construir nestas relações grande amizades que são incansáveis em me fortalecer. Também agradeço o gás que a coletividade de um grupo distinto fez reviver diante de tantos momentos de lutas.

Às (aos) docentes do Programa de Pós-graduação em Enfermagem, pelos conhecimentos “transmitidos”, mas principalmente para àquelas(es) que criaram possibilidades para uma construção coletiva dando sentido à aprendizagem.

À minha orientadora pela paciência neste processo em compreender os momentos que vivenciei ao longo do mestrado e principalmente por reconhecer o movimento de uma discente recém egressa de uma Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Coletiva, militante e muito envolvida em produções de vida no

movimento dentro e fora da produção acadêmica, tecendo inclusive a academia para fora de seus “muros”.

As (aos) docentes participantes da pesquisa, que possibilitaram que a mesma acontecesse, vocês foram os(as) responsáveis por fazerem a escrita pulsar.

À banca de qualificação gratidão pelo aprendizado, trocas e o incentivo para continuar, foram fundamentais para nortear este estudo.

À banca de defesa final, gratidão por aceitarem esse desafio, sinto em cada uma, um pouco, ou muito de Freire que faz tudo isso fazer muito sentido para mim!

Gratidão!

Resumo

SILVEIRA, Priscila Borges. 'Agora me dei conta' – Os possíveis movimentos na práxis docente sobre o álcool e outras drogas em uma escola pública. Pelotas. Pelotas. 2018. 109 páginas. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciências. Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2018.

Objetivo: O presente trabalho objetiva conhecer a práxis docente em relação ao álcool e outras drogas em uma escola pública. **Metodologia:** Pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva, realizada com 10 docentes de uma escola da rede de ensino do município de Pelotas-RS, que lecionavam em turmas de 7º ano do turno da tarde e etapa 6 (EJA referente ao 7º ano do turno da noite). A coleta de dados realizou-se no período de março a maio de 2018, por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas na íntegra. A análise de dados baseiou-se na proposta de análise temática segundo operacionalização de Minayo (2010), **Resultados:** Identificou-se que os(as) docentes reconheceram a esporadicidade na agenda do ano letivo relacionado ao temário de álcool e outras drogas, sendo esta temática abordada pontualmente e de forma bancária conforme às concepções freirianas, o que não estimula uma consciência crítica sobre o tema. Destacam ainda a importância de trabalhar este temário e anunciam possibilidades, como articulações interdisciplinares e intersetoriais, investimento em projetos de vida, aproximação da escola com a comunidade e realidade discente. **Considerações finais:** Ressalta-se o despertar da consciência docente sobre a importância da temática de álcool e outras drogas, emergindo os movimentos para ação, verbalizados enquanto possibilidades, constituindo assim as possíveis práxis docentes.

Palavras Chaves: Álcool e outras drogas; Práxis docente; Ações na escola

Abstract

SILVEIRA, Priscila Borges. 'Now I realized' - The possible movements in the teaching praxis on alcohol and other drugs in a public school. Pelotas. 2018. 109 pages. Dissertation project. Master of Science. Graduate in Nursing. Federal University of Pelotas, Pelotas-RS, 2018.

This study aimed to know the teaching praxis in relation to alcohol and other drugs in a public school. Qualitative and descriptive research, carried out with 10 teachers from a school in the city of Pelotas-RS, who taught in classes of 7th year of the afternoon shift and 7th year of night shift. Data collection was carried out from March to May 2018, through semi-structured interviews, recorded and transcribed in full. Data analysis was based on Minayo's (2010) thematic analysis proposal. It was identified that the teachers recognize the sportiveness in the agenda of the academic year related to the theme of alcohol and other drugs, being this topic approached in a punctual way and in a banking way, according to Freirean conception, not stimulating a critical awareness about the theme . They also emphasize the importance of working on this agenda and announce possibilities such as interdisciplinary and intersectorial articulations, investment in life projects, school-community approach and student reality. The awakening of teacher awareness about the importance of thematic the alcohol and other drugs is highlighted, with the emergence of essays to action, verbalized as possibilities, thus constituting possible teaching praxis.

Keywords: alcohol and other drugs; teaching praxis; actions at school.

Sumário da Dissertação

I	Projeto de Pesquisa	9
II	Relatório do Trabalho de Campo	80
III	Artigo	84
IV	Considerações Finais	107

Apresentação

A presente dissertação foi desenvolvida como requisito para obtenção do Título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Este programa tem como área de concentração Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. O presente projeto foi elaborado na Linha de Pesquisa Saúde Mental e Coletiva, Processo do Trabalho, Gestão e Educação em Enfermagem e Saúde. Esta dissertação é constituída de quatro partes:

I – Projeto de Pesquisa

II – Relatório do Trabalho de Campo

III – Artigo

IV – Considerações Finais

I Projeto de Pesquisa

Ministério da Educação
Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Enfermagem
Programa de Pós Graduação em Enfermagem



Projeto de Dissertação de Mestrado

**A PRÁXIS DOCENTE ACERCA DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM UMA
ESCOLA PÚBLICA**

Priscila Borges Silveira

Pelotas, 2017

PRISCILA BORGES SILVEIRA

**A PRÁXIS DOCENTE ACERCA DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM UMA
ESCOLA PÚBLICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências. Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de Pesquisa: Saúde Mental e Coletiva, Processo do Trabalho, Gestão e Educação em Enfermagem e Saúde.

Orientadora: Dr^a. Enf^a. Luciane Prado Kantorski

Pelotas, 2017

Priscila Borges Silveira

A práxis docente acerca de álcool e outras drogas em uma escola pública

Projeto de dissertação aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Ciências. Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de Pesquisa: Saúde Mental e Coletiva, Processo do Trabalho, Gestão e Educação em Enfermagem e Saúde, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 17/08/17

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Luciane Prado Kantorski (Orientadora)

Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo (EERP)

Prof^a. Dr^a. Fabiane Tejada da Silveira (Titular)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Prof^a. Dr^a. Michele Mandagará de Oliveira (Titular)

Doutora em Enfermagem e Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (EERP)

*Nunca se vence uma guerra lutando sozinho
Cê sabe que a gente precisa entrar em contato
Com toda essa força contida e que vive guardada
O eco de suas palavras não repercutem em nada
É sempre mais fácil achar que a culpa é do outro
Evita o aperto de mão de um possível aliado, é...
Convence as paredes do quarto, e dorme tranquilo
Sabendo no fundo do peito que não era nada daquilo
Coragem, coragem, se o que você quer é aquilo que pensa e faz
Coragem, coragem, eu sei que você pode mais!
(Raul Seixas | Por Quem Os Sinos Dobram)*

Lista de abreviaturas e siglas

AB	Atenção Básica
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPS I	Centro de Atenção Psicossocial I – população 20.000 a 70.000 habitantes
CAPS AD	Centro de Atenção Psicossocial para usuários de álcool e outras drogas
CAPS i	Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COFEN	Conselho Federal de Entorpecentes
CONAD	Conselho Nacional Antidrogas
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ESP-RS	Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul
FEN	Faculdade de Enfermagem
HG	Hospital Geral
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
NASF	Núcleo de Apoio à Saúde da Família
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNA	Plano Nacional de Alfabetização
PPGEnf	Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
PSE	Programa Saúde na Escola
PT	Partido dos Trabalhadores
PTS	Plano Terapêutico Singular
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
RAS	Rede de Atenção à Saúde

RD	Redução de Danos
RS	Rio Grande do Sul
SEB/MEC	Secretaria da Educação Básica / Ministério da Educação
SECAD/MEC	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade / Ministério da Educação
SEED/MEC	Secretaria de Educação à Distância / Ministério da Educação
SENAD	Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas
SESI	Serviço Social da Indústria
SLS	São Lourenço do Sul
SM	Saúde Mental
SMED	Secretaria Municipal de Educação e Desporto
SPE	Saúde e Prevenção nas Escolas
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNICAMP	Universidade de Campinas
UNODEC	Escritório das Nações Unidas Sobre Drogas e Crimes
USP	Universidade de São Paulo

Lista de quadros

Quadro 1	Planejamento das despesas para realização do estudo	58
Quadro 2	Cronograma das atividades desenvolvidas	59

Sumário

1 Introdução.....	25
2 Construção do objeto de estudo	28
2.1 Escola – que instituição é essa?.....	28
2.2 Álcool e outras drogas – da saúde para a educação.....	35
3 Objetivos	40
3.1 Objetivo geral.....	40
3.2 Objetivo específico.....	40
4 Referencial Teórico	41
4.1 Paulo Freire – Percurso de luta pela Educação: a práxis docente para a transformação.....	41
4.2 Paulo Freire – A práxis e a transversalidade de conceitos necessários para que ela seja possível	47
5 METODOLOGIA	50
5.1 Caracterização do estudo	50
5.2 Local do estudo	50
5.3 Participantes do estudo	51
5.3.1 Critério de Inclusão.....	52
5.3.2 Critério de Exclusão.....	53
5.4 Princípios éticos.....	53
5.4.1 Benefícios do estudo	54
5.4.2 Riscos do estudo	54
5.5 Procedimentos para coleta de dados.....	54
5.6 Análise dos dados.....	56
5.7 Divulgação dos Resultados	57
6 Recursos	58
7 Cronograma.....	59
Referências.....	60

APÊNDICES	65
ANEXOS	76

Apresentação – Das inquietudes à busca

*“Não escrevo somente porque me dá prazer escrever, mas também porque me sinto politicamente comprometido, porque gostaria de convencer outras pessoas, sem a elas mentir, de que o sonho ou sonhos de que falo, sobre que escrevo e por que luto valem a pena ser tentados.”
(Paulo Freire, 2013a, p.20)*

O interesse pela temática desta pesquisa surgiu através da minha trajetória profissional que transitou entre os campos da saúde e da educação, somado às reflexões que fiz acerca destas vivências, especialmente aos desafios e limites de trabalhar as questões de álcool e outras drogas nas escolas.

Ao término da graduação em Educação Física (licenciatura), no ano de 2011, realizei processo seletivo e ingressei, no ano de 2012, na Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Coletiva da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP-RS), que faz parte da Política Nacional de Educação e Desenvolvimento do Sistema Único de Saúde (SUS). Fiz parte da primeira turma descentralizada de Residência no município de São Lourenço do Sul do estado do Rio Grande do Sul (SLS-RS), referência regional em Saúde Mental (SM) e pioneiro a nível nacional na Reforma Psiquiátrica¹.

No primeiro ano de residência me inseri em alguns dispositivos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), tais como: Centro de Atenção Psicossocial para usuários de álcool e outras drogas (CAPS AD), Geração de Renda, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS I – para população 20.000 a 70.000 habitantes) e Centro de Atenção Psicossocial infanto-juvenil (CAPS i). No segundo ano estive presente nos campos: Hospital Geral (HG), nos leitos de atenção integral à saúde mental localizado

¹ “Movimento social, que emergiu na década de 1970, pelos direitos dos pacientes psiquiátricos em nosso país. Inspirado na experiência italiana de desinstitucionalização em psiquiatria e crítica radical ao manicômio. É sobretudo um movimento, através de variados campos de luta, que passa a protagonizar e a construir a partir deste período a denúncia da violência dos manicômios e a construir coletivamente uma crítica ao chamado saber psiquiátrico e ao modelo hospitalocêntrico na assistência às pessoas com transtornos mentais” (BRASIL, 2005, p. 7). “A Reforma Psiquiátrica no contexto contemporâneo das políticas de saúde mental, intervém no campo das relações da sociedade com a loucura, transformando as relações desta para com o transtorno mental. Isto se dá por um lado, através das práticas contra a exclusão e, por outro, de estratégias de inclusão social dos sujeitos” (AMARANTE, 2003, p. 58).

na Santa Casa de Misericórdia de São Lourenço do Sul e também no Matriciamento² em Saúde Mental na Atenção Básica (AB) da zona rural e urbana do referido município.

No Matriciamento, foi um diferencial minha inserção, sendo uma profissional do campo da educação no campo da saúde, para identificar as dificuldades de articulação intersetorial, pois ainda que a educação e a saúde se articulem em questões pontuais como encaminhamentos, havia muita resistência nas articulações compartilhadas, de desenvolver ações conjuntas. As resistências encontradas para as possíveis articulações intersetoriais sinalizavam o quanto as políticas públicas estavam fragmentadas e o quanto essa fragmentação refletia no fazer do profissional, não potencializando a intersectorialidade³. A escola considerava que as questões referentes a saúde mental eram de responsabilidade da saúde e a saúde, por sua vez, compreendia que havendo serviços especializados em saúde mental é para lá que estes sujeitos deveriam ser encaminhados. Desta forma as supostas articulações funcionavam burocraticamente enquanto sistema de referência e encaminhamento do sujeito na rede intersetorial, não considerando o cuidado na sua integralidade⁴.

A articulação entre saúde e educação nesta vivência teve início no Matriciamento, com minha inserção na Secretaria Municipal de Educação, como estratégia de aproximação da gestão, através do Estágio Optativo de Residência. Este estágio oportunizou sensibilizar gestores da educação ao olhar à Saúde Mental nas escolas, reconhecer a Rede de Atenção Psicossocial e a importância da articulação

² “Matriciamento ou apoio matricial é um novo modo de produzir saúde em que duas ou mais equipes, num processo de construção compartilhada, criam uma proposta de intervenção pedagógico-terapêutica. No processo de integração da saúde mental à atenção primária na realidade brasileira, esse novo modelo tem sido o norteador das experiências implementadas em diversos municípios, ao longo dos últimos anos. Esse apoio matricial, formulado por Gastão Wagner Campos (1999), tem estruturado em nosso país um tipo de cuidado colaborativo entre a saúde mental e a atenção primária” (CHIAVERINI, 2011, p. 13).

³ “A intersectorialidade é a articulação entre as políticas públicas por meio do desenvolvimento de ações conjuntas destinadas à proteção social, inclusão e enfrentamento das expressões da questão social. Supõe a implementação de ações integradas que visam à superação da fragmentação da atenção às necessidades sociais da população. Para tanto, envolve a articulação de diferentes setores sociais em torno de objetivos comuns, e deve ser o princípio norteador da construção das redes municipais” (CAVALCANTI; BATISTA; SILVA, 2013, p. 1-2).

⁴ “A ‘integralidade’ é assim concebida como uma construção coletiva, que ganha forma e expressão no espaço de encontro dos diferentes sujeitos implicados na produção do cuidado em saúde” (PINHEIRO, 2017).

intersetorial a fim de fortalecer o compartilhamento do cuidado. O Estágio Optativo está dentro das atividades curriculares do 2º ano da Residência, com disponibilidade de vivenciar outros espaços de campo de formação, no período de um mês.

Esta vivência possibilitou compreender as dificuldades que as escolas tinham de assumirem discussões sobre diversos temas, incluindo temáticas relacionadas a saúde, mais especificamente como a saúde mental. Dificuldades como o despreparo, medo, desconhecimento sobre a quem recorrer para discutir situações referentes às questões de saúde mental. Enfim, a aproximação da saúde com a educação não garantiu soluções imediatas a todos os problemas desta ordem, mas sim a segurança de que juntos podemos construir o cuidado compartilhado.

Ao término da Residência no ano de 2014, retornei a Pelotas-RS, município ao qual sou natural. Ingressei através do contrato emergência da Prefeitura em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, como Professora de Educação Física dos anos iniciais. Ainda muito afetada pelo trabalho construído no período da Residência, me inseri neste novo espaço com o propósito de me experimentar no papel de docente, o quanto este sujeito poderia ser, ou não, potente à atenção à saúde mental na escola. Para tanto, me respaldei nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para trabalhar com temas transversais nas aulas de Educação Física, tais como: sexualidade, álcool e outras drogas, entre outros. Os entraves que surgiram vieram de diversas ordens e diferentes profissionais, tanto de colegas docentes, como de orientadores, coordenadores, monitores, da diretoria, enfim, foi então que me indaguei sobre qual o papel que a escola representa na sociedade? E a quem representa?

Entretanto, uma das temáticas a qual eu gostaria de ter trabalhado nas aulas de Educação Física nas turmas de anos iniciais em que lecionava, era a respeito de álcool e outras drogas na perspectiva da Política de Redução de Danos, de modo a estabelecer vínculo com estes alunos através de relações horizontais trazendo para o diálogo os trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial. Entretanto, não foi possível ser desenvolvido em detrimento dos atravessamentos conservadores da educação, resistente ao que transcende o ensino tradicional. No entanto, foi concebida a um órgão de Segurança Pública, um espaço para falar sobre esta temática, através de um Programa que carrega no nome o estigma de “resistência às drogas e violência”.

Ainda afetada pelos vieses que a temática foi abordada, sensibilizei a coordenação pedagógica sobre o quanto seria importante dialogar sobre “álcool e outras drogas” pelo viés da saúde, mas agregando outros dispositivos da rede intersetorial do território. Foi então que a escola possibilitou um espaço, porém limitou este diálogo apenas às turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do turno vespertino, pois no entendimento da escola eram estudantes que já faziam uso de alguma substância e eram considerados um problema. No contexto geral, a escola enquanto instituição que deveria acolher e trabalhar estas questões consideradas por ela mesma “problemática”, acaba por fazer prévio juízo de valor sem oportunizar uma construção coletiva a fim da transformação.

Não podemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história (FREIRE, 1991, p. 16).

Com esta possibilidade, mesmo estigmatizada e limitada, elaborei um Projeto chamado “Roda de conversa: álcool e outras drogas – desmistificando rótulos” e enviei um convite aos serviços da rede intersetorial articulada nas práticas de cuidado às pessoas que apresentam problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas a fim de desmistificar rótulos e fomentar o debate sobre esta temática na raiz do processo de aprendizagem, onde se estimula a reflexão: na escola.

A roda de conversa não foi direcionada para conceituar as drogas e sim um espaço para dialogar sobre como a sociedade se relaciona com as drogas, como nós nos relacionamos com um usuário de substâncias psicoativas⁵ e como, na condição de usuário, nos relacionamos com as substâncias das quais fazemos uso. Também foi conversado sobre o papel da escola neste contexto, dialogando sobre o quanto os(as) discentes se sentem ou não a vontade para falar sobre esta temática na escola e acolhidos(as) para exporem questões desta ordem. Ainda foi apresentado os serviços da rede intersetorial articulada nas práticas de cuidado às pessoas que

⁵ Entende-se por substância psicoativas aquelas que modificam o estado mental da pessoa (CORDÁS; MORENO, 2001).

apresentam problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas, para conhecimento destes discentes sobre onde acessar caso seja necessário. Foi um espaço valioso de discussão que rompeu com rótulos deixando os(as) discentes a vontade com a temática e os docentes mais seguros para ampliar as discussões.

Diante desta experiência exitosa e das demais vivências limitadoras com atravessamentos de interesses vinculados ao direcionamento do ensino à temática de álcool e outras drogas que me senti estimulada a compreender, através das possíveis práxis⁶ docente, para que(m) serve este conhecimento produzido na escola.

Ainda no ano de 2014, em paralelo ao meu ingresso no contrato emergencial da prefeitura, me inscrevi na seleção para aluno especial na disciplina de “Seminário em Enfermagem e Saúde XVI: Reforma Psiquiátrica – processos de desinstitucionalização em saúde mental no mundo” do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGEnf) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), a disciplina possibilitou discussões sobre os processos de desinstitucionalização, o qual conseguia junto ao grupo, relacionar o quanto a escola como instituição também precisava ser desinstitucionalizada tanto para o ensino quanto para a atenção à saúde mental. Ao término da disciplina, recebi um convite da coordenadora do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental e Coletiva do PPGEnf para me inserir nos encontros e nas discussões desse grupo. Desde então faço parte desse espaço, o qual me proporcionou conhecer o que de fato é a pesquisa social⁷ e conseqüentemente esta vivência foi o que me impulsionou a realizar o processo seletivo do mestrado.

No final do ano de 2015 realizei processo seletivo para o Mestrado, sendo aprovada no Programa então citado e dando início as atividades acadêmicas no ano de 2016. O Mestrado contribuiu para a construção do meu objeto de estudo, tanto em questões metodológicas que me agregam nesta caminhada de aprendiz

⁶ “A práxis implica a teoria como um conjunto de ideias capazes de interpretar um dado fenômeno ou momento histórico, que, num segundo momento, leva um novo enunciado, em que o sujeito diz a sua palavra sobre o mundo e passa a agir para transformar esta mesma realidade. É uma síntese entre teoria-palavra e ação. A palavra enquanto compreensão exige a transformação e torna-se indissociável da necessidade de atuação: torna-se, pois, palavração, segundo o neologismo de Paulo Freire. A partir do momento em que alguém compreende e toma consciência do seu papel no mundo, sua transformação se torna inevitável e gera, portanto, uma ação para atingir tal fim” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p. 325).

⁷ “[...] pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (GIL, 2010 p. 26).

pesquisadora, quanto nas trocas realizadas nas disciplinas, através das discussões que conectam pesquisa, assistência e docência somado a abertura do programa em acolher discentes de diversas áreas permitindo tecer conhecimento na dimensão interdisciplinar⁸.

Desta forma esta caminhada que surge a partir das minhas inquietudes se tornou uma busca cotidiana por meio de teorias, discussões, reflexões e logo se constituindo em pesquisa para conhecer o que emerge sobre a temática do álcool e outras drogas nas escolas através das possíveis práxis docente.

⁸ “A interdisciplinaridade como processo social pressupõe a articulação da solidariedade no processo de crítica como a vontade política para superar contradições da ação e das instituições sociais, incluindo a práxis e a relação de unidade entre teoria e prática e a reflexão e desejo de emancipação” (AZEVEDO E SOUZA, 1996, p. 34).

1 Introdução

“É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis.”
(Paulo Freire, 1979, p. 17)

A docência quando exercida enquanto responsabilidade social, que vai para além de transferir conhecimentos específicos de determinada área pedagógica, pode ser um ato de compromisso do profissional com a sociedade para transformá-la.

Uma das características do homem é que somente ele é homem. Somente ele é capaz de tomar distância frente ao mundo. Somente o homem pode distanciar-se do objeto para admirá-la. Objetivando ou admirando – admirar se toma aqui no sentido filosófico – os homens são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetivada. É precisamente isto, a “práxis humana”, a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo (FREIRE, 1980, p.15)

Segundo Freire (1979) ser capaz de agir e refletir é a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido. A ação e reflexão são constituintes inseparáveis da práxis.

É preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela qual se está no mundo condiciona a sua consciência de estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada. Quer dizer, é capaz de intencionar sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar (FREIRE, 1979, p.16).

De acordo com as concepções de Freire (1979) fora da relação homem – realidade, não pode haver reflexão e ação, pois esta relação é o que implica a transformação do mundo.

Quando compreendemos que a transformação se dá pela reflexão crítica do homem sobre sua realidade nos questionamos sobre o compromisso do profissional / docente nesta relação dialética entre ação e reflexão que permite através de sua práxis a libertação e desenvolvimento de autonomia para transformação de uma sociedade opressora.

[...] como professor, tanto lido com minha liberdade quanto com minha autoridade em exercício, mas também diretamente com a liberdade dos educandos, que devo respeitar, e com a criação de sua autonomia, bem como com os ensaios de construção da autoridade dos educandos. Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. (FREIRE, 2013b, p. 93)

Desta forma Freire (2013b) em seu livro “Pedagogia da Autonomia” revela o que de fato é exigido nesse compromisso docente para uma prática educativo-crítica, corroborando em capítulos que ensinar exige: “rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; reconhecimento e a assunção da identidade cultural; consciência do inacabado; o reconhecimento de ser condicionado; respeito à autonomia do ser educando; bom senso; humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educandos; apreensão da realidade; alegria e esperança; convicção de que a mudança é possível; curiosidade; segurança competência profissional e generosidade; compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade e autoridade; tomada consciente de decisões; saber escutar; reconhecer que a educação é ideológica; disponibilidade para o diálogo e querer bem aos educandos”.

Além do que é “exigido” para o compromisso docente pontuado por Freire^B (2013), outros autores também mencionam o que se espera dos(as) docentes:

Espera-se do professor do século XXI que tenha paixão de ensinar, que esteja aberto para sempre aprender, aberto ao novo, que tenha domínio técnico-pedagógico, que saiba contar histórias, isto é, que construa narrativas sedutoras para seus alunos. Espera-se que saiba pesquisar, que saiba gerenciar uma sala de aula, significar a aprendizagem dele e de seus alunos. Espera-se que saiba trabalhar em equipe, que seja solidário” (GADOTTI, 2007, p. 04).

Para que haja este “significar a aprendizagem dele e de seus alunos” conforme afirmado por Gadotti (2007) é necessário que o docente estabeleça algumas relações “o professor torna-se uma ponte entre o educando e seu entorno, possibilitando-lhe o estabelecimento de uma relação pedagogicamente qualificada com o mundo natural e humano que o rodeia” (COSTA, 2001, p. 36).

Diante de tantos atributos esperado e exigido ao docente para enfrentamento de uma sociedade opressora é latente conhecer a práxis docente frente a temáticas e assuntos desta realidade, dentre estas a relação com o álcool e outras drogas, dado que é uma situação de saúde, educação e social que tem afetado a vida na escola.

2 Construção do objeto de estudo

Das inquietudes à busca se construiu um percurso exploratório à procura de respostas, soluções ou meios que nos motivaram a querer compreender determinado recorte de uma realidade que pudesse desvelar a práxis docente em relação ao álcool e outras drogas.

Para tanto foi necessário dividir este objeto de estudo em dois pontos: um relativo a escola e outro ao álcool e outras drogas, para assim traçar um percurso que nos ajude a compreender a escola, que instituição é essa? De que lugar estamos falando? Por que é um lugar que precisa ser compreendido? Para então entender o que o álcool e outras drogas tem a ver com a escola, com a práxis docente e como surgiu esta temática no campo da saúde para hoje adentrar no campo da educação.

Deste modo a construção do objeto se constituiu de dois capítulos:

- ✓ Escola – que instituição é essa?
- ✓ Álcool e outras drogas – da saúde para a educação.

A partir dos capítulos, está exposto **os pressupostos e a questão norteadora da qual irá conduzir o presente estudo.**

2.1 Escola – que instituição é essa?

O campo da educação é um espaço para o despertar de saberes. A escola é a instituição responsável por produzir e reproduzir conhecimentos a serviço da sociedade, específicos da escolaridade, por vezes verticais de moralidade⁹ e que tendem a ser controlados pelos que detêm o poder (PAIM, 2013).

É frente a esta conjuntura, que aparenta ser moralista, carregada de estigma¹⁰ e com relações de dominação, que emergem as práxis docentes associadas a sua

⁹ Sendo uma avaliação acerca dos costumes, para reprová-los ou aceitá-los, a moral corresponde a algo de constitutivo da sociedade (PAIM, 2003, p. 8). [...] os ciclos históricos promovem o remanejamento da hierarquia dos valores, com reflexos significativos na moral social (PAIM, 2003, p. 48).

¹⁰ “Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentavam” (GOFFMAN, 1998, p. 5). Construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa,

“capacidade de refletir, de atuar, operar, transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem” (FREIRE, 1979), que podem ser tanto propostas libertadoras diante a esta conjuntura, ou aliadas com as relações de dominação e opressão que atuam na sociedade.

A escola se constitui de atravessamentos históricos, de estado, do mercado, da sociedade, enfim de distintos interesses. Segundo Guareschi (2009) a escola de hoje desempenha duas funções principais: preparar mão-de-obra para o capital e reproduzir as relações de dominação e de exploração. Esta segunda função descrita em “O aparelho ideológico da escola” (2009), no qual discute a ideologia subjacente às diversas teorias de aprendizagem, tentam mostrar como indiretamente a escola serve à reprodução das relações de produção, principalmente à relação de dominação.

Para Bourdieu o sistema de dominação vigente no âmbito da escola e suas relações sociais são como um disfarce da realidade social, destaca que é através da percepção de sua função ideológica, política e legitimadora que é possível compreender o sistema educacional, o qual se torna necessário à perpetuação da “ordem social” (STIVAL e FORTUNATO et al, 2008).

O controle sobre o oprimido é a forma de perpetuar esta ordem social. “Se a humanização dos oprimidos é subversão, sua liberdade também o é; daí a necessidade de seu constante controle; e quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em “coisas”, em algo que é como se fosse inanimado” (FREIRE, 2014, p. 64).

Desta forma Freire (2014) ressalta duas práticas pedagógicas a da opressão que está favorável a ordem social e a libertadora que é desfavorável a esta mesma ordem, práticas comuns as matrizes descritas por Guareschi (2009).

Guareschi (2009) destaca duas matrizes principais como ideologia das teorias de aprendizagem para melhor compreender a teoria de aprendizagem existente e a quem ela serve, são elas: matriz do condicionamento, ou comportamental e a matriz dialogal.

racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. (GOFFMAN, 1998, p. 8).

Na matriz do condicionamento, ou comportamental Guareschi (2009) evidencia que os processos são os de imitação e repetição, o qual os alunos reproduzem e repetem o que lhes é pedido através do exemplo dos professores. Esta teoria interessa a quem quer um reproduzidor do que lhe é transmitido, que não precise pensar, decidir nem planejar, apenas executar. Por isso esta ideologia é favorável aos donos do capital e a escola que desempenha tais objetivos será a melhor escola para o sistema capitalista.

Os métodos clássicos de tortura escolar como palmatória e a vara já foram abolidos. Mas poderá haver sofrimento maior para uma criança ou adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que não conseguem compreender, e que nenhuma relação parecem ter com sua vida? (ALVES, 2012, p. 16).

Oposta a esta, tem a matriz dialogal, que conforme Guareschi (2009) é um processo dialético, composto do que Piaget chama de assimilação, o que vem de fora para dentro, e acomodação, o que vai de dentro para fora, o qual cria certo esquema mental, cognitivo, lógico. O aprender se dá quando se coloca em contradição esse esquema lógico, cognitivo.

Aprender vai depender do método de ensino e “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção” (FREIRE, 2013b, p. 47)

A diferença entre as matrizes é que na primeira, matriz dos condicionamentos ou comportamental, ensina-se dando estímulos e a pessoa é objeto receptor, já na matriz dialogal a pessoa é sujeito da ação e ensina-se colocando elementos contraditórios nesse processo, fazendo perguntas para que o sujeito crie sua resposta reconstruindo o esquema ferido pela contradição (GUARESCHI, 2009, p. 99).

Frente a práticas de ensino tão distintas se faz necessário compreender quais atributos exigidos à escola pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do ensino fundamental.

Este documento que determina parâmetros para serem seguidos no ensino exprime uma apresentação inicial aos professores o qual descreve:

Vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência, em que progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho. Tal demanda impõem uma revisão dos currículos, que orientam o trabalho cotidianamente realizado

pelos professores e especialistas em educação do nosso país (BRASIL, 1998a, p. 5).

Norteados pela demanda trabalhista, a apresentação feita aos professores nos PCNs condiz com a matriz do condicionamento, ou comportamental citada por Guareschi (2009) que indiretamente apontam que a escola está a serviço de reproduzir relações de produção e dominação.

Conforme a Lei Federal nº 9.394, de 1996 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a educação básica tem por finalidade “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996, p. 14).

A LDB por vezes aparenta sustentar a educação tradicional nestas questões de reproduzir relações de produção e dominação, mas em contra-partida também possibilita avanços da educação “[...] o traço mais original da educação desse século é o deslocamento de enfoque do individual para o social, para o político e para o ideológico” (GADOTTI, 2000, p. 4).

Desta forma os PCNs ainda apontam o acolhimento e socialização dos alunos como um fator que precisa ser desenvolvido na escola devido à dificuldade de permanência dos estudantes. Ainda que sejam múltiplas as causas, há o papel da Escola neste contexto, que nem sempre considera a diversidade e pluralidade dos(as) estudantes, o que por sua vez pode afetar de modo negativo o indivíduo, seja nos planos moral, afetivo e social e até seguir por toda a vida do mesmo (BRASIL, 1998a, p. 42).

A postura de acolhimento envolve tanto a valorização dos conhecimentos e da forma de expressão de cada aluno como o processo de socialização. Valorizar o conhecimento do aluno, considerando suas dúvidas e inquietações, implica em promover situações de aprendizagem que façam sentido para ele. Exercer o convívio social no âmbito escolar favorecer a construção de uma identidade pessoal, pois a socialização se caracteriza por um lado pela diferenciação individual e por outro pela construção de padrões de identidade coletiva (BRASIL, 1998a, p. 43).

O acolhimento proposto pelos PCNs contempla a matriz dialogal citada por Guareschi (2009), porém o direcionamento que se dá para socialização foge a esta proposta devido a apontar a construção de padrões de identidade coletiva se aproximando então da matriz do condicionamento, ou comportamental.

Para dar conta desta demanda que foge aos conteúdos programáticos específicos de cada disciplina, os PCNs incorporam como “Temas Transversais” as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde, da Orientação Sexual e do Trabalho e Consumo, assim firmando o compromisso com a construção da cidadania direcionando práticas educativas para compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e a afirmação do princípio da participação política.

[...] os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas de vida cotidiana. O desafio que se apresenta para as escolas é o de abrirem-se para o seu debate (BRASIL, 1998b, p. 17).

Diante esta abertura para debate da transversalidade, destacamos o que está exposto nos PCNs relativo a saúde, como se constitui o ensino para conduzir esta temática.

[...] o tema Saúde tem como especificidade o fato de, além de conhecimentos inerentes ele, nele convergirem conhecimentos de áreas distintas. Caberá aos professores mobilizar tais conteúdos em torno de temáticas escolhidas, de forma que as diversas áreas não representem continentes isolados, mas digam respeito aos diversos aspectos que compõem o exercício da cidadania (BRASIL, 1998b, p. 28).

Segundo os PCNs temas transversais, a educação para saúde não necessariamente assegura mudanças estruturais na sociedade que garantam qualidade de vida e saúde, porém faz contribuições no âmbito da promoção em saúde, sendo que educar para saúde seja responsabilidade de muitas outras instâncias como os próprios serviços de saúde.

Exemplo disto são as articulações intersetoriais entre educação e saúde. Dentre as possibilidades de articulações existe o Programa Saúde na Escola (PSE).

O Programa Saúde na Escola (PSE) vem contribuir para o fortalecimento de ações na perspectiva do desenvolvimento integral e proporcionar à comunidade escolar a participação em programas e projetos que articulem saúde e educação, para o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros (BRASIL, 2011, p. 6).

O Programa destaca que a articulação entre educação e saúde podem trazer novos sentidos para a produção da saúde, tecendo redes de produção de saberes e de solidariedade entre profissionais e comunidade.

Como forma de implementação da promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos no território, o Brasil tem como proposta governamental o Programa Saúde na Escola (PSE) que dentre as suas propostas conta/prevê a ‘prevenção ao uso de álcool e tabaco e outras drogas’. Para tal, o programa dispõe de formação das equipes de educação e de saúde que irão atuar no PSE, através de formação, materiais didáticos-pedagógicos que atendam às necessidades de implantação das ações (BRASIL, 2011, p. 18).

Para abordar a temática álcool e drogas utiliza-se da seguinte estratégia:

d) Curso¹¹ de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas

– Trata-se de uma parceria entre a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC), Secretaria de Educação a Distância (SEED/ MEC) e Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/ MEC). O curso é oferecido na modalidade a distância e possui carga horária de 120 horas e certificação expedida pela Universidade de Brasília (UnB) (BRASIL, 2011c, p. 19).

Para o conhecimento da vida do aluno é imprescindível a articulação intersetorial assim como aproximação com a família, para que possam juntos construir Planos Terapêuticos Singulares (PTS) organizados através de um espaços de trocas de saberes e produção do cuidado (BRASIL, 2011c, p. 35).

Além do “Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas” que é parte integrante do PSE e objetiva “preparar esses profissionais (educadores) para a realização de ações preventivas na escola e de desenvolvimento de abordagens adequadas nas situações de uso de álcool, crack e outras drogas,

¹¹ “A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), do Ministério da Justiça e a Secretaria de Educação Básica, do Ministério da Educação (SEB-MEC), promove o Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas. A oferta do Curso é parte integrante do Programa “*Crack, é possível vencer!*” e do Programa Saúde na Escola (MEC/MS) que prevê, entre outras ações, ampla capacitação de profissionais das áreas de educação, saúde, assistência social, justiça e segurança pública. Nesse sentido, os profissionais capacitados desenvolverão estratégias e projetos de prevenção do uso de álcool, crack e outras drogas no território escolar articulados com outras políticas públicas (BRASIL, 2014, p. 6).

além de outros comportamentos de risco” (BRASIL, 2014, p. 6), existem outros programas como o “#TamoJunto – versão brasileira adaptada do programa *Unplugged* – programa desenvolvido pelo EU-DAP (Experiência de Prevenção do Uso de Drogas na Europa)”.

Composto pelo “Guia do Professor” e o “Caderno do Educando” o Programa #TamoJunto é “uma ferramenta para o trabalho com influências sociais e habilidades de vida associadas à prevenção do uso de drogas, que integra um conjunto de 12 aulas, além das 3 Oficinas de pais e responsáveis” (BRASIL, 2017, p. 3).

Outra ferramenta é o “Guia Prático para Programas de Prevenção de Drogas” o qual conceitua o que é prevenção, descrevendo os três tipos: prevenção primária, direcionada para evitar ou retardar a experimentação ao uso de drogas; prevenção secundária que objetiva atingir pessoas que já experimentaram ou fazem uso ocasional, neste caso é indicada intervenção com um conjunto de profissionais; e prevenção terciária que corresponde ao tratamento do uso nocivo ou da dependência o qual a escola identifica e encaminha para profissionais da saúde. O guia ainda descreve que programas de prevenção devem enfatizar em reduzir fatores de riscos e ampliar fatores de proteção, aponta também estratégias e etapas para construir um programa de prevenção (MEYER, 2013).

Para além dos programas e guias existe as “Diretrizes Internacionais sobre Prevenção ao Uso de Drogas” desenvolvidas pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) que apontam prevenções positivas resultantes de intervenções e políticas com evidências científicas (ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME, 2013).

Um outro modelo de prevenção é o “Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência” (PROERD), de prevenção para alunos do ensino fundamental (5º e 7º ano) desenvolvido por policiais militares, com abordagem oposta aos já citados, exaltando a “guerra às drogas”. Foi baseado no Drug Abuse Resistance Education (D.A.R.E.), um programa que surgiu nos EUA em 1983 (SÃO PAULO, 2006).

Diante de algumas, das possibilidades existentes de intervenções através de programas ou mesmo diretrizes, é latente o papel da escola frente ao temário de álcool

e outras drogas, tanto nas práticas pedagógicas como nas abordagens docentes diante situações vivenciada dentro da escola que envolvam a temática.

Apesar do conhecimento de distintas possibilidades de intervenções, como as já citadas, não temos conhecimento sobre as limitações e desafios que transcendem implementar temas transversais e programas desta ordem na escola, podendo então ter um esclarecimento através de um estudo com docentes que vivenciam esse cotidiano.

Sendo assim, elaborou-se os seguintes pressupostos:

- ✓ A práxis docente acerca de álcool e outras drogas refletem as concepções hegemônicas da sociedade;
- ✓ Nas práxis dos docentes em escola pública estarão sinalizados os desafios e limites sobre o uso de álcool e outras drogas em/ou na escola pública.

2.2 Álcool e outras drogas – da saúde para a educação

A temática álcool e outras drogas vem adquirindo espaço para diálogos e quebra de paradigmas através do campo da saúde. As políticas públicas relacionadas a esta temática são meios que vem garantindo este diálogo.

Entende-se por políticas públicas o conjunto de ações coletivas voltadas para a garantia dos direitos sociais, configurando um compromisso público que visa dar conta de determinada demanda em diversas áreas (SANTOS, 2012, p. 83).

Segundo Santos (2012) foi na década de 80 que no campo da saúde as políticas públicas se direcionaram às temáticas de álcool e outras drogas, com o Conselho Federal de Entorpecentes (COFEN), responsável pela formulação de políticas públicas para o enfrentamento das drogas que em 1998 foi substituído pelo Conselho Nacional Antidrogas (CONAD). Anterior a 1980 no Brasil houve, em 1971, a Lei 5.726 e posterior a Lei 6.368/1976. A primeira citada dispõe sobre medidas preventivas e repressivas ao tráfico e ao uso de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, a qual não fazia menção a tratamento de saúde à população usuária de drogas, exceto aqueles referidos como infratores viciados, que compulsoriamente, eram internados em hospitais psiquiátricos. Já a lei

de 1976 avançou ampliando em ações preventivas não apenas para infratores viciados abrangendo também aos dependentes de entorpecentes. Neste contexto evidencia-se a influência da concepção médico-psiquiatra o qual considera o usuário de drogas um doente, potencializando os hospitais psiquiátricos como serviços assistenciais¹², sob alçada do Ministério da Justiça.

A concepção do usuário de drogas ser considerado um doente tendo o hospital psiquiátrico como dispositivo de assistência, aproxima as questões que envolvem álcool e outras drogas com a saúde mental, em paralelo a um período que o Brasil estava iniciando um processo de mudanças nas práticas à atenção à saúde mental por influência da luta antimanicomial italiana.

Segundo Amarante (2001) esta influência é decorrente de meados de 1961, pelo italiano Franco Basaglia, que assumiu a direção do Hospital Psiquiátrico de Gorizia, transformando-o em uma comunidade terapêutica. Nesse contexto surgem no Brasil os primeiros movimentos da Reforma Psiquiátrica. Em 2001 é aprovada a Lei 10.216, que protege o direito das pessoas que sofrem de transtornos mentais e de problemas decorrentes ao consumo de álcool e outras drogas, redirecionando o modelo assistencial e propondo uma nova política de saúde mental (BRASIL, 2001).

As novas propostas de atenção aos usuários de saúde mental vêm se consolidando conforme as conquistas da Reforma Psiquiátrica vêm se constituindo no Brasil. Estas novas propostas de atenção propiciam outros fatores que possibilitam a reabilitação psicossocial, fatores estes que não requer somente a intervenção médica ou de ordem psiquiátrica (SILVA, 2007). Regulamentada pela Portaria nº 3.088, de dezembro de 2011, a Rede de Atenção à Saúde (RAS) ao que tange à saúde mental passou a ser integrada, articulada e efetivada nos diferentes pontos de atenção, denominada de Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

Rede de Atenção à Saúde (RAS) são arranjos organizativos de ações e serviços de saúde, de diferentes densidades tecnológicas e integradas por meio de sistemas de apoio técnico, logístico e de gestão, que buscam garantir a integralidade do cuidado (BRASIL, 2010e, p. 4).

¹² “No assistencialismo não há responsabilidade. Não há decisão. Só há gestos que revelam passividade e ‘domesticação’ do homem. Gestos e atitudes” (FREIRE, 2002c, p. 17)

Dentro deste arranjo organizativo da RAS, a RAPS se constitui por: Atenção Psicossocial Estratégica, Atenção de Urgência e Emergência, Estratégias de Reabilitação Psicossocial, Atenção Hospitalar, Estratégias de Desinstitucionalização, Atenção Residencial de Caráter Transitório e Atenção Básica (BRASIL, 2011d, p. 2).

Na Atenção Básica chegam grande parte das demandas de saúde mental do território, inclusive encaminhamentos escolares. A Atenção Básica (AB), por muito tempo foi considerada a porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS) em um sistema hierarquizado representado por um modelo tecno-assistencial em forma de pirâmide dividido em três níveis de complexidade.

Conforme Cecílio (1997) a formulação da “porta de entrada” visava garantir acesso universal ao sistema oferecendo atenção integral à saúde das pessoas pelo nível da atenção primária, dentro de suas atribuições construindo uma verdadeira “porta de entrada” para os níveis superiores de maior complexidade tecnológica do sistema de saúde. Porém na prática as pessoas acessam o sistema por onde é mais fácil ou possível desta forma a atenção básica de serviços de saúde não tem conseguido se tornar a “porta de entrada” mais importante para o sistema de saúde.

Segundo Mendes (2010) o sistema era fragmentado e organizado de forma hierárquica com inexistência na continuidade da atenção.

Conceitualmente, os sistemas fragmentados de atenção à saúde são aqueles que se organizam através de um conjunto de pontos de atenção à saúde isolados e incomunicados uns dos outros e que, por consequência, são incapazes de prestar uma atenção contínua à população (MENDES, 2010, p. 3).

Diante as dificuldades encontradas em manter o sistema de pirâmide, foi necessário repensar o modelo assistencial conforme as necessidades dos usuários do sistema, desta mudança que surgiu a Rede da Atenção à Saúde (RAS) e consequentemente a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

Segundo Cecílio (1997) esta mudança abre possibilidades, conforme deve ser o modelo assistencial que preside o SUS considerando múltiplas alternativas de entrada como a atenção básica, pronto-socorros hospitalares, assim como tantos outros serviço. Inclusive a escola pode ser uma boa porta de entrada, assim como a farmácia do bairro como qualquer outro equipamento social, a estratégia para que dê certo é de qualificar todas estas portas de entrada.

Quando estes equipamentos sociais, como a escola, não reconhecem situações transversais à saúde mental de contexto social, cultural, econômico, entre outros, ou mesmo desconhecem formas de abordagens referente ao álcool e outras drogas para acolher estas demandas, ocorrem os encaminhamentos de escolares para os serviços da Rede de Atenção Psicossocial. É nestes encaminhamentos que estão explícitos os desafios e limites da escola e principalmente da classe docente em relação a sua práxis sobre o álcool e outras drogas.

Para acolher e atender esta demanda de saúde mental, a Atenção Básica conta com o apoio de alguns dispositivos de articulação que orientam na condução de casos, como a Equipe de Matriciamento em Saúde Mental, que constitui uma equipe multiprofissional de apoio às equipes de referência¹³, auxiliando esta equipe interdisciplinar nas demandas de saúde mental que chegam às unidades referidas, a fim de qualificar suas ações e ampliar o campo de atuação.

[...] o que se pretende é que o apoio matricial auxilie a equipe de referência na formulação/reformulação e execução de um projeto terapêutico singular, para um sujeito, individual ou coletivo, que necessita uma intervenção em saúde, à qual a equipe de referência, também a princípio, teve dificuldade (GASTÃO; GUERREIRO, 2010).

Assim como o Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF) que também oferece este apoio matricial, os serviços especializados Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), que são ordenadores da Rede de Atenção Psicossocial, também responsáveis por matriciar a AB e inclusive seus usuários de referência nas áreas abrangentes dos territórios da RAS.

Ainda no apoio matricial se inclui as equipes de Redução de Danos (RD) que além de constituir um serviço, é uma das diretrizes de trabalho do SUS que “deve ser realizada de forma articulada inter e intra-setorial, visando a redução dos riscos, as consequências adversas e dos danos associados ao uso de álcool e outras drogas para a pessoa, a família e a sociedade” (NIEL; DA SILVEIRA, 2008, p. 72). Na perspectiva de redes e no contexto da Rede de Atenção Psicossocial, através dos

¹³ “Apoio matricial e equipe de referência são, ao mesmo tempo, arranjos organizacionais e uma metodologia para gestão do trabalho em saúde, objetivando ampliar as possibilidades de realizar-se clínica ampliada e integração dialógica entre distintas especialidades e profissões (CAMPOS; DOMITTI, 2007, p. 400).

arranjos organizativos de ações e serviços de saúde da Rede de Atenção à Saúde e da rede intersetorial, se faz necessário “ampliar investimentos em projetos de promoção de saúde, prevenção, e de redução de danos, tendo como princípio o respeito às singularidades socioculturais de cada grupo e região e a intersetorialidade – cultura, arte, lazer, educação, emprego [...]” (BRASIL, 2010, p. 86).

A ampliação desses investimentos requer não apenas criar ações, mas fazer com que de fato sejam efetivas e articuladas. Segundo Gastão; Guerreiros (2010) o matriciamento possibilita intervenções transversais de outras políticas públicas, pois o mesmo propõe uma rede de cuidado articulado ao território, com parcerias intersetoriais.

[...] a cidade e o território têm sido tematizados na construção e recodificação do lugar social da loucura. A concepção de território torna-se elemento fundamental na construção do novo cenário da saúde mental, a partir das diretrizes de descentralização, de municipalização e de desinstitucionalização e na possibilidade de uma perspectiva mais abrangente de territorialização (COSTA, 2014, p. 2).

Em meio à territorialização do cuidado, os diálogos sobre álcool e outras drogas se ampliam para além do campo da saúde, chegando à rede intersetorial do qual inclui a educação. Desta forma torna-se fundamental inserir a educação-escola como dispositivo articulador com a Rede de Atenção Psicossocial, pois ainda que se articule em questões pontuais como encaminhamentos, há muita resistência nas articulações compartilhadas de desenvolver ações conjuntas. Resistências estas que podem ser decifradas a partir de um estudo sobre a práxis docente referente à álcool e outras drogas, almejando identificar práxis que sinalizem a relevância, ou não desta temática dentro das escolas que constituem o território de intervenção para à atenção à saúde mental.

Para tanto apontamos um conceito de território que amplie a capacidade de compreensão sobre os potenciais e as limitações existentes no espaço, bem como sobre seus sujeitos constituintes (FURLAN, 2008).

Compreendendo que território se estende aos sujeitos que constituem este espaço, recorte que reflete concepções hegemônicas da sociedade, formulo a seguinte questão norteadora: **É possível práxis docente acerca da temática álcool e outras drogas em escola pública?**

3 Objetivos

3.1 Objetivo geral

- ✓ Conhecer a práxis docente em relação ao álcool e outras drogas em uma escola pública a partir do referencial freiriano.

3.2 Objetivo específico

- ✓ Descrever as atividades desenvolvidas com e por docentes em uma escola pública, voltadas para a abordagem do tema álcool e outras drogas;
- ✓ Discutir os desafios e limites da práxis docente referente a esta temática.

4 Referencial Teórico

4.1 Paulo Freire – Percurso de luta pela Educação: a práxis docente para a transformação

Paulo Reglus Neves Freire, foi o renomado educador brasileiro com atuação e reconhecimento internacional pelo “Método Paulo Freire¹⁴” de alfabetização de adultos. Suas Reflexões servem como influencia para a transformação da educação, tais como:

[...] a postura do professor/educador e a educação problematizadora; o diálogo como pedagogia e a conquista dos estágios de consciência política; a reestruturação curricular que respeita os conhecimentos trazidos pelos educandos e a radicalidade da democratização interna da escola brasileira (SCOCUGLIA, 1999, p. 7).

Nascido no Bairro da casa Amarela, em Recife no dia 19 de setembro de 1921, Paulo Freire, como é conhecido, aprendeu com seus pais Joaquim e Edeltrudes, o diálogo, aprendizado este que o educador procurou manter com o mundo e as pessoas que o cercavam. Em 1929, devido à crise econômica se mudou junto à família para Jaboatão, onde embora criança com dez anos, começou a se questionar o que poderia fazer para ajudar aos homens, vendo que no mundo muitas coisas não estavam bem; foi nesta época que as experiências de vida lhe marcaram profundamente, com a morte de seu pai e a compreensão da fome e da fome dos demais sem se deixar alimentar da desesperação (FREIRE, 1980, p.9).

Conhecer a infância de Freire e as motivações para estes questionamentos é o que dá compreensão do ser que ele foi, dos fatos que se envolveu e das relações com a realidade social das quais participou. Para Freire:

[...] a experiência atribulada do menino de ontem e a atividade educativa, portanto, política, do homem de hoje, não poderão ser compreendidas se tomadas como expressões de uma existência isolada, ainda quando não possamos negar a sua dimensão particular (FREIRE, 2013a, p. 43).

¹⁴ “O Método Paulo Freire não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo as exigências lógicas do discurso abstrato; simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para na oportunidade devida, saber e poder dizer sua palavra” (FREIRE, 2014, p. 17).

Freire aponta os enfrentamentos da sua infância e adolescência, tendo a fome como o real problema que os afligia, enfatizando as relações desses enfrentamentos do qual não se isola e sim interfere nos espaços onde circulam, inclusive na escola. Enquanto educador, tinha em primeira mão conhecimentos existenciais destas relações, não precisando consultar estudos científicos que abordassem a relação da desnutrição com a dificuldade de aprendizagem, pois a vivenciou em sua infância (FREIRE, 2013a, p. 45).

Aos 15 anos, com muita dificuldades de aprendizagem, Freire fez exame de admissão no ginásio e aos 20 anos se inseriu em estudos de Psicologia da Linguagem e Filosofia, no mesmo tempo que se tornava professor do curso do colegial (FREIRE, 1980, p. 9). Foi no Colégio Oswaldo Cruz, em Recife que completou o curso fundamental e pré-jurídico, ingressando na Faculdade de Direito de Recife aos 22 anos, não havendo curso superior de formação de educador Paulo fez a escolha desta faculdade por ser ofertada dentro da área de ciências humanas (GADOTTI, 1996, p. 30).

Em 1944 aos 23 anos, antes de concluir os estudos universitários, Freire se casou com Elza, professora primária e também diretora de escola, com quem teve cinco filhos e que lhe apoiou com sua compreensão, interesse por tudo e capacidade de amar. Foi a partir do casamento que os problemas educacionais se tornaram latentes, começando então a estudar mais sobre Educação, Sociologia da Educação, Filosofia do que Direito, sua formação de origem (FREIRE, 1980, p. 9).

No órgão recém criado pela Confederação Nacional da Indústria SESI, em acordo com o governo Vargas, Freire foi diretor do setor de Educação e Cultura, no qual, após identificar um maior contato com a educação de adultos/trabalhadores, a necessidade de enfrentar as questões de educação e alfabetização; de 1947 a 1954 assumiu o cargo de Diretor desse setor do SESI e de 1954 a 1957 foi Superintendente do mesmo (GADOTTI, 1996, p. 33).

Integrante do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, Freire em 1960 elaborou o então chamado Método Paulo Freire como proposta de alfabetização para adultos que pretendia de forma rápida, moderna e barata proporcionar a adultos além da alfabetização, uma leitura melhor de mundo e possibilidade de adquirir o direito a votar (SCOCUGLIA, 1999, p. 8).

No final de 1963 Paulo Freire coordenou o Plano Nacional de Alfabetização (PNA) apoiado por vários movimentos de educação popular e cultura e também amparado pelo governo Goulart¹⁵. O Plano que visava a alfabetização em massa traria como consequência para as eleições gerais de 1965 o dobro de contingente eleitoral; ameaçados com essa possível proporção de eleitores, as forças de direita, conservadores, civis e militantes reagiram com o golpe¹⁶ de abril de 1964, de forma a extinguir o PNA e entidades que utilizavam o “Método Paulo Freire”, resultando na prisão de Freire, durante 70 dias no IV Exército – Recife, sendo exilado após este período por quinze anos, retornando ao Brasil com a abertura do Estado Militar (SCOCUGLIA, 1999, p. 9).

No período de exílio permaneceu pouco tempo na Bolívia, onde estava sob a guarda e proteção do embaixador desse país. Devido ao golpe do estado que ocorrerá seguidamente após se instalar na Bolívia; Freire recebeu asilo político em Santiago no Chile junto de sua família, no período de novembro de 1964 a abril de 1969, onde trabalhou como assessor do Ministério da Educação do Chile, no Instituto de Desarrollo Agropecuario e como consultor da UNESCO junto ao Instituto de Capacitación e Investigación em Reforma Agraria do Chile. Neste período recebeu vários convites, entre eles de lecionar como Professor convidado na Universidade de Harvard nos Estados Unidos e trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas; na Suíça. Lecionou na Faculdade de Educação da Universidade de Genebra (GADOTTI, 1996, p. 42).

Nos quatro primeiros anos de exílio no Chile, Freire escreveu um de seus principais livros “Pedagogia do Oprimido¹⁷”. Em Harvard, nos Estados Unidos, escreveu outro dos seus mais importantes livros “Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos¹⁸”. Ainda no exílio, no período em que o Brasil estava em processo

¹⁵ O governo João Belchior Marques Goulart (1961-1964) “atuou com firmeza, no escopo da democracia política, pela efetivação de uma democracia social no Brasil; os acontecimentos, conflitos e projetos que caracterizou este governo, teve como desfecho o golpe de estado de 1964” (DELGADO, 2009, p. 126 e 142)

¹⁶ “O golpe de estado de 1964 foi o marco inaugural de uma conjuntura política marcada por crescente autoritarismo” (DELGADO, 2009, p. 142)

¹⁷ O livro “Pedagogia do Oprimido constitui um avanço na direção da formulação de uma pedagogia que se nutre dos valores, das necessidades, dos interesses emancipatórios dos subalternos, dos oprimidos” (SCOCUGLIA, 1999, p. 10).

¹⁸ “Neste livro, revê alguns conceitos e se aproxima (e utiliza) de autores e conceitos marxistas. A “conscientização”, indissociada da alfabetização desde o início de suas proposições, cede espaço à

com a abertura gradual e lenta do estado militar, Freire participa da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) (SCOCUGLIA, 1999, p.10).

Em junho de 1979, Freire ganha seu passaporte brasileiro e em agosto chega ao Brasil, para, conforme suas palavras dita a imprensa, “re-aprender meu país”. Antes de se instalar no Brasil retornou à Europa para se organizar, voltando de fato em junho de 1980, aceitando ser professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Após pressão de estudantes e alguns professores em setembro de 1980 se tornou professor da Universidade de Campinas (UNICAMP), lecionando até o final do ano letivo de 1990 (GADOTTI, 1996, p. 44).

Neste período Freire “escreve vários livros “dialógicos” com outros intelectuais: com Moacir Gadotti e Sergio Guimarães (Pedagogia: Diálogo e Conflito); com Ira Shor (Medo e Ousadia – O cotidiano do professor); com Frei Betto (Essa escola chamada vida); com Antonio Faúndez (Por uma pedagogia da pergunta); além desses publica A Importância do Ato de Ler (1982) e participa de seminários, congressos, etc, no Brasil e exterior” (SCOCUGLIA, 1999, p. 11).

Em outubro de 1986, Freire enfrentou momentos difíceis, de profundo abatimento com a morte de sua primeira esposa. Foi então que em março de 1988 casa-se com sua segunda esposa Nita, como ele carinhosamente a chamava, amiga de infância que reencontrou no curso de mestrado Pontifícia Universidade Católica, ambos viúvos ela aluna orientada ele professor orientador (GADOTTI, 1996, p. 46).

Paulo Freire assume a Secretaria de Educação em São Paulo no final dos anos oitenta, valorizando professores e reformulando o ensino municipal: tornando a escola municipal democrática em todas as suas instâncias (SCOCUGLIA, 1999, p. 11). Capacitou professores em regime de formação permanente, reformulou o currículo escolar de modo a adequá-lo às crianças de classes populares; incluiu como agente educativo o pessoal instrumental, desta forma eram os(as) merendeiras, faxineiras, secretarias, diretores, professores, alunos e pais de alunos que a partir das necessidades sociais identificadas do que viviam e sentiam trabalhavam em cooperação para que o ato de educar fosse um ato de conhecimento (GADOTTI, 1996, p. 47).

formulação de uma educação que, como "ação cultural", contribua para a difícil formação da "consciência de classe" dos subalternos sociais” (SCOCUGLIA, 1999, p. 10).

Com dois anos no cargo de Secretário Municipal da Educação de São Paulo, Freire renúncia, porém seu ex-chefe de gabinete, Mário Cortella, continua com as diretrizes de sua gestão (SCOCUGLIA, 1999, p. 11).

Desta forma, em maio de 1991, Freire passa a se dedicar a escrita, retorna para docência na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) no Programa de Supervisão e Currículo do curso de Pós-Graduação. Neste mesmo ano Paulo é convidado para na USP desenvolver um trabalho amplo proferindo palestras, gravando vídeos e discutindo novos e pioneiros projetos na universidade (GADOTTI, 1996, p. 48).

Em 1993 Freire publica Políticas e Educação, uma grande reflexão enquanto pensador da educação a “não se congelar em qualquer postura determinista”; suas produções intelectuais refletem sua luta e o desejo de transformação. “[...] Foi em torno da luta por fazer da educação "uma prática da liberdade", um processo de "conscientização pelo diálogo", uma "ação cultural" em defesa dos oprimidos, um exercício do "direito ao conhecimento", por fazer da educação um processo de "ser mais" dos homens e das mulheres, que Paulo Freire construiu sua história e influenciou outras tantas histórias de vida. Reconhecido mundialmente, antes com sua presença itinerante, hoje e no futuro, por sua obra prático-teórica, Paulo Freire se foi antes que o Brasil reconhecesse a importância de seu trabalho e de suas ideias” (SCOCUGLIA, 1999, p. 12).

Freire convencido de que, diante do momento histórico enfrentado na América Latina ao longo desse percurso, se faz necessário a reflexão de seus profissionais, sobre a realidade com inserção crítica que objetiva compromisso verdadeiro com o destino do país, do povo, do homem concreto. Assim afirma que “fugir da concretização deste compromisso é não só negar-se a si mesmo como negar o próprio projeto nacional” (FREIRE, 1979, p. 25).

Comprometido, Freire foi exemplar para a transformação que sonhava, pois:

[...] seu legado, seu exemplo, sua postura, sua inteligência, sua produção incessante, sua esperança comovente, suas dezenas de livros e tantos artigos, conferências, orientações, palestras, enfim, sua presença imortal, hão de continuar a batalha por um outro Brasil. Talvez essa batalha dê maiores frutos quando o país "estiver repleto de marchas" dos "sem-educação" e dos "sem (expulsos da) escola", como sonhou Paulo Freire, pouco antes de partir (SCOCUGLIA, 1999, p. 13).

Considerado o “pedagogo dos oprimidos”, Paulo Freire traçou uma história permeada por doutrina filosófica e ideário político carregado de um sentido existencial profundo em sua teoria e práxis (FREIRE, 1979, p. 10).

Para Freire (1979) a libertação dos oprimidos através da “expressão dos oprimidos” é o que exprime este sentido existencial que se dá através da conscientização, a qual é capaz de mudar uma sociedade de oprimidos para uma sociedade de iguais.

A libertação enquanto essência é o que atribui sentido na prática educativa que só terá valia se essa práxis pedagógica contemplar participação livre e crítica dos educandos. Tendo dos homens a reflexão e a ação sobre o mundo para transformá-lo, se torna favorável a mudança da consciência humana a partir desta dialética entre ação-reflexão em relação a estrutura social e uma aproximação reflexiva e crítica da realidade estudada.

A teoria da práxis de Paulo Freire enquanto educação como prática da liberdade, ultrapassaram fronteiras das disciplinas, ciências, espaços geográficos, transbordando inclusive para outros campos do conhecimento, auxiliando reflexões de educadores, assim como de cientistas sociais, terapeutas, médicos, filósofos, antropólogos, como tantos outros, considerando seu pensamento um exemplo de transdisciplinarietà¹⁹ (GADOTTI, 2007, p. 28).

Na práxis “a ação é precedida pela consciência, mas gerada por esta leva à construção de um outro mundo conceitual em que o individuo se torna sujeito e passa a atuar sobre o mundo que o rodeia” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p. 325).

O conceito da práxis de Freire, vem contribuir neste estudo para conhecer como (e se) docentes dialogam sobre a temática de álcool e outras drogas, se produzem junto aos discentes ação-reflexão, autonomia, educação libertadora.

A temática deste estudo que é as possíveis práxis docente referente à álcool e outras drogas na escola, é potente para que haja conhecimento das ações desenvolvidas ou não, do acolhimento, dos atravessamentos sociais, institucionais, entre outros a fim de compreender os desafios e limites desta práxis. Tendo em vista que esta compreensão possibilita continuidade deste estudo por meio de projetos de

¹⁹ “Transdisciplinarietà “Etimologicamente, trans é o que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de todas as disciplinas, remetendo também à ideia de transcendência” (BARROS; MELLO; SOMMERMAN, 2002, p. 11)

intervenção para a amenizar o sofrimento de discentes que enfrentam situações decorrentes à álcool e outras drogas através da práxis docente.

4.2 Paulo Freire – A práxis e a transversalidade de conceitos necessários para que ela seja possível

Pensar no conceito de práxis de Paulo Freire é indissociável de compreender demais conceito que perpassam as obras deste mesmo autor, pois está “intimamente ligado aos conceitos de dialogicidade, ação-reflexão, autonomia, educação libertadora, docência” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p. 325).

A transversalidade²⁰ de conceitos que tornam a práxis possível é o conjunto de fatores que influenciam na construção desta práxis resultando na transformação.

Sobre o conceito da dialogicidade “o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo” (FREIRE, 1980c, p. 82).

Através do diálogo podemos *dizer o mundo* segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora. Essa possibilidade abre caminhos para repensar a vida em sociedade, discutir sobre nosso *ethos cultural*, sobre nossa educação, a linguagem que praticamos e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforme o mundo que nos cerca. (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p. 117).

Segundo Freire (2014) o diálogo não pode tornar-se uma simples troca de ideias, nem mesmo reduzir-se a um ato onde um sujeito deposita ideias no outro, pois compreende o diálogo como o encontro em que seus sujeitos endereçados solidarizam o refletir e o agir em prol do mundo a ser transformado e humanizado.

Para tanto é necessária disponibilidade para o diálogo, pois “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu jeito a relação dialógica em que se confirma com inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história” (FREIRE, 2013b, p. 133).

²⁰ “Transversalidade diz respeito à compreensão dos diferentes objetos de conhecimento, possibilitando a referência a sistemas construídos na realidade [...]” (MENEZES, 2001).

Zitkoski (2017) diz que Freire tem como categoria central o diálogo/dialogicidade tanto para projeto pedagógico, como propositivo em relação nosso futuro na proposta de uma educação humanista-libertadora.

Finalmente, o verdadeiro diálogo não pode existir se os que dialogam não se comprometem com o pensamento crítico; pensamento que, não aceitando a dicotomia mundo – homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade; pensamento que percebe a realidade como um processo de evolução, transformação, e não como uma entidade estática; pensamento que não se separa da ação, mas que se submerge, sem cessar, na temporalidade, sem medo dos riscos. (FREIRE, 1980c, p. 84).

Enfim, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2014, p. 108). Tratando-se de ação-reflexão, conforme Freire (1980) o que faz emergir, comprometido, preparado a intervir na realidade para mudá-la é a capacidade de refletir sobre a realidade, porém não é apenas com o esforço intelectual que se pode alcançar a conscientização e sim pela práxis, pela legítima união da ação e da reflexão.

Separada da prática, a teoria é puro verbalismo inoperante; desvinculada da teoria, a prática é ativismo cego. Por isto mesmo é que não há práxis autêntica fora da unidade dialética ação-reflexão, prática-teoria. (FREIRE, 2002c, p. 158).

Para tanto, Zitkoski (2017) diz que a reflexão crítica e prática, que alinha o discurso teórico a sua aplicação, faz parte do processo de construção de consciência e autonomia, uma autonomia que permite que os outros sejam os outros e não espelhos de nós mesmos, um “ato comunicante, co-participativo”, sendo a autonomia a experiência da liberdade.

O desenvolvimento da autonomia como experiência da liberdade se dá através de uma educação libertadora. Segundo Freire (2014) a educação problematizadora sem superar a contradição entre educador e educandos rompe com esquemas verticais característicos da educação bancária a qual afirma a dialogicidade e se faz dialógica.

A tarefa fundamental do educador e da educadora é uma tarefa libertadora [...] para originar a possibilidade de que os estudantes se tornem donos de sua própria história. É assim que eu entendo a necessidade que os professores têm de transcender sua tarefa meramente instrutiva e assumir a postura ética de um educador que acredita verdadeiramente na autonomia total, liberdade e desenvolvimento daquele que ele ou ela educa (FREIRE, 2001, p. 78).

Segundo Zitkoski (2017) o “caminho da libertação” descrito por Freire para conscientização da humanização se dá quando há uma mediação da relação educador-educando através do objeto de conhecimento estimulado pelo educador problematizador, afirma ainda que não constituem dualidades da ação educativa o conhecer e transformar, porém mediante a práxis histórica se constituem como aspectos distintos de uma mesma unidade não indicando um tempo de determinismos e sim tempo de possibilidades.

Conforme Freire^C (2002) sem que haja fórmulas prescritas para o seu quefazer é diante das condições concretas históricas que os educadores se acham, os que desejam e se comprometem com a transformação devem descobri-lo e descobrir como fazê-lo.

Ainda sobre a docência Zitkoski (2017) afirma que jamais o educador é neutro a correlação entre teoria, palavra e sua ação são manifestadas na sua vida, o homem consciente faz de sua práxis um produto sócio-histórico, fazendo de sua presença no mundo uma forma de agir no mundo.

Associando os conceitos de dialogicidade, ação-reflexão, autonomia, educação libertadora e docência a práxis torna-se possível e conseqüentemente constrói possibilidades de transformação.

5 METODOLOGIA

5.1 Caracterização do estudo

Trata-se de um estudo qualitativo descritivo de análise temática segundo operacionalização de Minayo. Caracterizado pela empiria e pela sistematização progressiva de conhecimento até a compreensão da lógica interna do grupo ou do processo em estudo. O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2010, p. 57).

[...] os autores que seguem tal corrente não se preocupam em quantificar, mas, sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais; trabalham com a vivência, a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada; ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis (DESLANDES, 1994, p. 24).

Esse método “é também utilizado para elaboração de novas hipóteses, construção de indicadores qualitativos, variáveis e tipologias” (MINAYO, 2010, p. 57).

À vista disto, o estudo realizado torna-se relevante, pois permitiu conhecer as possíveis práxis docente referente ao álcool e outras drogas em uma escola pública e seus resultados possibilitam a elaboração de novas perspectivas para direcionar outras pesquisas.

5.2 Local do estudo

O presente estudo será realizado no município de Pelotas situado no estado do Rio grande do Sul – Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Pelotas possui uma população estimada para 2016 de 343.651 habitantes (IBGE, 2010).

A pesquisa será desenvolvida em uma escola da Rede Municipal de Ensino, por compreender que o campo da educação contempla o objeto de estudo, apesar de ser uma pesquisa do campo da saúde. O local do estudo é definido como aquele onde ocorrem as relações sociais inerentes ao propósito da pesquisa (TRENTINI; PAIM, 2014).

A escola que se pretende pesquisar foi criada pela Maçonaria em 1902 e representava uma alternativa de ensino laico primário e secundário o qual funcionou, nos primeiros anos, como uma escola destinada apenas a meninos de classes sociais mais abastadas, pois era pago, sob regime de internato e externato. Em 1913 com a inserção da primeira estudante, passaram a ser aceitas meninas para estudarem junto com os meninos, embora tenham sido a minoria por algumas décadas. Em dados que relatam esta história, divulgado em site local, o educandário possui aproximadamente cerca de 3100 alunos, com 270 docentes e 92 funcionários. Contém uma área total de aproximadamente 17.500m², com 45 salas de aula, diversos laboratórios por área de ensino, dois auditórios, ginásio coberto, canchas de esporte e laboratórios de informática, entre outros espaços e setores didáticos.

Esta escola está localizada em uma área central da cidade, porém acolhe estudantes de diversos bairros o que reforça a diversidade discente que está em formação neste espaço, a qual demanda dos docentes trabalharem com diferentes culturas, classes sociais, entre outros aspectos da diversidade. Este foi um dos motivos desta escola ter sido escolhida como local de estudo, além de sua trajetória e anos de fundação o espaço escolhido se tornou potente devido agregar docentes históricos junto com novos que estão dando continuidade a esta história.

Vale salientar que a escola em questão não possui implementado nenhum programa de prevenção no momento do presente estudo, porém já aderiu, em anos anteriores, a programas como o PSE e o PROERD.

5.3 Participantes do estudo

Serão convidados a participar do estudo docentes desta escola, que concordarem em participar da pesquisa. A priori que se tenha um grupo diverso

abrangendo áreas das exatas, humanas e linguagem, que lecionem em turmas de 7º ano e/ou EJA (que contemplasse o 7º ano – chamado Etapa 6), de turnos distintos.

Considerando que queremos investigar docentes que lecionem para adolescentes. Optou-se por docentes das turmas de 7º ano por compreender que, por questões cronológicas, a criança ingressando na escola com 6 anos, no 7ª ano estes docentes abrangeriam discentes da faixa etária de 12 anos. Conforme a Lei Nº 8.069 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), considera “a pessoa adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 2002). Sabendo-se que a idade para cada ano não mantém um padrão variando conforme a idade que a criança teve acesso à escola, assim como tem interferência por conta de afastamento, repetência, entre outros atravessamentos, consideramos que nas turmas de 7º ano, havendo esta homogeneidade no aspecto de faixa etária, nos respaldamos na Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo Eisenstein (2005) a OMS considera os limites cronológicos da adolescência entre 10 e 19 anos, sendo assim, docentes de 7º ano irão contemplar o critério de lecionarem para adolescentes. Havendo o turno da noite que abrange jovens e adultos, ainda assim o critério de lecionarem para adolescentes estará contemplado.

Desta forma para compor este grupo foi pensado seis docentes de cada turno somando dezoito participantes para o estudo. Contando que os participantes do estudo serão docentes dos três turnos (manhã, tarde e noite). Dentre a totalidade dos docentes deverá ser contemplada as três grandes áreas, sendo elas: exatas, humanas e linguagem.

5.3.1 Critério de Inclusão

- ✓ Ser docente efetivo ou contratado do 7º ano, que lecione para a faixa etária de adolescentes, na escola onde o estudo será desenvolvido;
- ✓ Estar inserido neste espaço por no mínimo um ano, por entender que é o tempo necessário para que o sujeito conheça os aspectos culturais, sociais entre outros da comunidade escolar, assim como as relações que se estabelecem;
- ✓ Disponibilidade para participar da pesquisa;

- ✓ Permitir gravação, por meio de material eletrônico, na coleta de dados;
- ✓ Autorizar a publicação dos resultados no meio científico.

5.3.2 Critério de Exclusão

- ✓ Estar em licença saúde ou afastamento no início da coleta;
- ✓ Ser estagiário(a).

5.4 Princípios éticos

Serão considerados os preceitos da resolução nº466/ 2012²¹ do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde que trata sobre a pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012).

Este estudo será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPEL, através de uma “Carta ao Comitê de Ética e Pesquisa” (Apêndice A). Com o objetivo de atender os aspectos éticos. A identidade e privacidade dos participantes serão respeitadas, garantindo anonimato desta documentação através de nomes codificados e assegurando aos mesmos que os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins científicos.

Importante ressaltar que os(as) docentes serão convidados(as) a participar do estudo, destacando a não obrigatoriedade de participar do mesmo, garantindo a liberdade de desistir a qualquer momento da pesquisa, assim como a ausência de qualquer tipo de remuneração financeira para tal. Os mesmos serão esclarecidos em relação aos objetivos e finalidades do estudo e apresentados aos procedimentos que foram utilizados ao longo da pesquisa. Os participantes que aceitarem, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice D), que irá legitimar a participação voluntária. O mesmo será assinado na presença da pesquisadora, em

²¹ Resolução nº 466/2012 Esta resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros, e visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao estado.

duas vias, ficando uma em poder do participante e outra com a pesquisadora. Esta, por sua vez, se responsabilizará de arquivar estes documentos na Faculdade de Enfermagem (FEN) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) sob responsabilidade da pesquisadora e da orientadora deste estudo, pelo período de cinco anos e posteriormente serão incinerados.

5.4.1 Benefícios do estudo

O estudo aponta como benefícios aos participantes reconhecer a presença ou não de ações desenvolvidas na escola acerca de álcool e outras drogas. Desenvolver uma visão crítica de sua prática, compreender a relação da práxis docente com a temática e o envolvimento em atividades e ações desenvolvidas enquanto instituição que não pode negligenciar demandas desta ordem, assim como identificar parcerias da rede intersetorial para possíveis articulações e compartilhamento do cuidado.

5.4.2 Riscos do estudo

O estudo não irá acarretar riscos físicos aos participantes, pois não foram utilizados procedimentos invasivos. No entanto, o risco de desconforto por ventura gerado nos questionamentos poderá ser minimizado considerando que a entrevista poderá ser interrompida, sempre que solicitado e as perguntas respondidas de livre e espontânea vontade, podendo ser respondidas na totalidade ou em parte, sem prejuízo ao participante. Em caso de desconforto emocional relevante, iremos oferecer suporte orientando esta pessoa a acessar um serviço da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do município e o participante teria o direito de retomar ou não a entrevista, sem prejuízo do mesmo.

5.5 Procedimentos para coleta de dados

Primeiramente será realizado o contato com a gestão do município, Secretaria Municipal de Educação, para apresentar o projeto e solicitar autorização através de uma “Carta de Apreciação à Secretaria de Educação” (Apêndice B) para realização do estudo em uma escola da Rede Municipal de Ensino. Após a autorização o projeto foi encaminhado para Plataforma Brasil.

Mediante ao parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, será entregue à escola de estudo uma “Carta Convite para a Escola” (Apêndice C), para participar da pesquisa. Ao entregar a carta haverá uma conversa com a coordenação pedagógica para esclarecimento da seleção dos participantes, para que esta pudesse servir como facilitador(a) deste processo.

De acordo com os critérios de inclusão, exclusão e descrição dos participantes de estudo, a coordenação pedagógica será facilitadora no processo de reunir os(as) docentes que respondam a estes requisitos, em uma reunião ou encontro com este grupo com objetivo de apresentar a proposta do estudo, como irá proceder o mesmo e apresentar o “Termo de Consentimento Livre Esclarecido” (TCLE) (Apêndice D) aos participantes esclarecendo riscos e benefícios, assim como garantia de anonimato.

Para coleta de dados será utilizado entrevista semi-estruturada em local privativo, gravada por meio de material eletrônico e com a permissão dos (as) participantes através do TCLE disponibilizado em duas vias, uma para a autora e outra para o(a) participante do estudo, o termo deverá ser rubricado em todas páginas e assinado pelo(a) participante do estudo e pesquisadora responsável. Os dados só serão coletados após a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e mediante autorização dos participantes envolvidos no estudo.

A entrevista semi-estruturada “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2010, p. 261).

Desta forma o “Instrumento de Pesquisa” (Apêndice E) foi elaborado a partir de três eixos. Cada eixo contemplou uma questão norteadora que foi questionada a(ao) participante do estudo. Conforme o respondido, a pesquisadora foi desdobrando esta questão em questões disparadoras, pois se entendeu que contribuiu para coleta das informações para fins de responder a questão que se move este estudo.

O Instrumento de Pesquisa, foi construído pela autora do estudo com questões norteadoras de modo a contemplar os objetivos da pesquisa. Segundo Minayo (2010) a entrevista semi-estruturada “obedece a um roteiro que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador” (MINAYO, 2010, p. 267).

5.6 Análise dos dados

A análise dos dados obtidos nas entrevistas terá como referencial metodológico a análise temática segundo operacionalização de Minayo, a qual “comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentadas através de uma palavra, de uma frase, de um resumo” (MINAYO, 2010, p. 315).

Segundo Minayo (2010) “fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos do sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado; para uma análise de significados, a presença de determinados temas denota estruturas de relevância, valores de referência e modelos de comportamento presentes ou subjacentes no discurso” (MINAYO, 2010, p. 316).

Segundo Minayo (2010), a análise temática, operacionalmente, desdobra-se em três etapas:

“1) Pré-análise: consiste na escolha dos documentos a serem analisados e na retomada de hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa, decomposta de leitura flutuante, constituição do corpus e formulação e reformulação de hipóteses e objetivos, é nesta fase que determinam-se a unidade de registro (palavra-chave ou frase), a unidade de contexto (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos mais gerais (tratados no início ou levantados nesta etapa, por causa de ampliação do quadro de hipóteses ou pressupostos) que orientarão a análise ; **2) Exploração do material:** consiste essencialmente numa operação classificatória que visa alcançar o núcleo de compreensão do texto, o investigador busca encontrar as categorias; **3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação:** os resultados brutos são submetidos, coloca-se em relevo as informações obtidas, a partir daí o analista propõe inferências e realiza interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente ou abre outras pistas em torno de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugeridas pela leitura do material” (MINAYO, 2010, p. 316).

Deste modo a análise temática do presente estudo será realizada de acordo com a operacionalização de Minayo descrita neste item.

5.7 Divulgação dos Resultados

Com a finalização do estudo, os resultados serão expostos em forma de artigo científico e compartilhados em eventos da área da saúde, educação e afins com a referente temática. O estudo também será compartilhado o Grupo de Pesquisa em Saúde Mental e Coletiva do PPGENF, e demais grupos que tiverem interesse pela temática. Será fornecido uma cópia impressa para a Gestão de Educação e Saúde de Pelotas/RS e os resultados serão apresentados ao Grupo Condutor municipal e/ou regional de Saúde Mental, do qual já possuo vínculo, com uma possível articulação intersetorial neste espaço para que haja integrantes da gestão da educação, assistência, entre outros setores afins com o determinado tema. A partir desses resultados se almeja aprofundar a pesquisa, em um possível doutorado, a fim de devolver a este local de estudo estratégias de intervenção frente a temática, em relação à práxis docente, assim como potencializar a articulação intersetorial do município de modo a inverter os encaminhamentos para um cuidado compartilhado dos docentes e escola junto com a Rede de Atenção Psicossocial e rede intersetorial à situações referentes à álcool e outras drogas com discentes.

6 Recursos

Este item corresponde às necessidades recurso para o desenvolvimento do projeto, incluindo recursos humanos e materiais. (Vide abaixo o planejamento orçamentário desses recursos em: **Quadro 1**).

Quadro 1 – Planejamento das despesas para realização do estudo.

Material	Quantidade	Valor
Folhas A4 – pacote 500 folhas	04 pacote	64,00
Caderno 200 folhas	01	12,00
Outros materiais (caneta, lápis, borracha, etc)		50,00
Impressões	4.000	400
Encadernação	12	120,00
Brochuras	03	150,00
Deslocamento combustível moto (mais econômico)	+/- 7,00/semana	+/- 400,00
Cd	03	6,00
Pastas	04	20,00
Pen drive	02	60,00
Gravador	01	150,00
Recursos humanos – revisores	01	300,00
Total	--	*1.932,00

(*) As despesas serão custeadas pela pesquisadora.

7 Cronograma

Quadro 2 – Cronograma das atividades desenvolvidas

Atividades desenvolvidas	2016		2017	
	1º Sem.	2º Sem.	1º Sem.	2º Sem.
Definição do tema	X			
Revisão de literatura	X	X	X	X
Orientação	X	X	X	X
Construção do projeto	X	X	X	
Qualificação do projeto				X
Encaminhamento do projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa				X
Solicitação de autorização aos locais de realização do estudo				X
Localização dos sujeitos do estudo				X
Coleta de dados*				X
Sistematização dos dados e transcrição das entrevistas				X
Análise e interpretação dos resultados				X
Produção da dissertação de mestrado				X
Correção de português				X
Defesa				X
Acolhida das recomendações da banca				X
Entrega final				X
Apresentação e divulgação de resultados em periódicos e eventos.				X

(*) A coleta de dados iniciará mediante parecer favorável do comitê de ética em pesquisa

Referências

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar / Rubem Alves – 14ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012.

AMARANTE P. Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2001.

AMARANTE, Paulo. Saúde Mental, políticas e instituições: programa de educação a distância, volume 3 / Coordenado por Paulo Amarante. Rio de Janeiro: FIOTEC/FIOCRUZ, EAD/FIOCRUZ, 2003.

AZEVEDO E SOUZA, Valdemaria B. Participação e Interdisciplinaridade: Movimentos de Ruptura/ Construção (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BARROS V. M., MELLO M. F., SOMMERMAN A., orgs. Educação e transdisciplinaridade II. São Paulo: Triom/UNESCO; 2002.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

_____. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm Acesso em: 19 de outubro de 2016.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 4.279, de 30 de dezembro de 2010. Estabelece diretrizes para a organização da Rede de Atenção à Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, 2010e. Disponível em: . - See more at: <http://atencaobasica.org.br/relato/2218#sthash.6R1D6kpa.dpuf>

_____. Ministério da Saúde. Portaria GM 3.088, de 23 de dezembro de 2011d.

_____. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre projetos de pesquisa envolvendo seres humanos [Internet]. Brasília, 2012 [Acessado em: 2015 Jun 14]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Programa #tamojunto: prevenção na escola: guia do professor [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Instrutivo PSE / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica.. – Brasília : Ministério da Saúde, 2011c.

_____. Ministério da Saúde. Lei n.º 10.216, de 06 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial da União, seção 1.

_____. Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental Intersetorial. Brasília. 2010f. Disponível em : conselho.saude.gov.br/biblioteca/Relatorios/relatório_final_IVcnsmi_cns.pdf

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998a. 174 p.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998b. 436 p.

_____. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Ministério da Educação. – 6. ed., atual. – Brasília : Ministério da Justiça, 2014.

CAMPOS G. W. de S.; DOMITTI, A. C. Apoio matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 399-407, 2007.

CAVALCANTI, Patrícia Barreto; BATISTA; Kátia Gerlânia Soares; SILVA, Leandro Roque. A estratégia da intersetorialidade como mecanismo de articulação nas ações de saúde e assistência social no município de Cajazeiras-PB. Anais do Seminário Internacional sobre Políticas Públicas, Intersetorialidade e Famílias. Porto Alegre, PUC/RS, v. 1, 2013. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sipinf/edicoes/l/9.pdf>. Acesso em 06/12/17.

CECÍLIO, L. C. O. Modelos tecno-assistenciais em saúde: da pirâmide ao círculo, uma possibilidade a ser explorada. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 469-478, jul./set. 1997.

CHIAVERINI, Dulce Helena (organizadora) et al. Guia prático de matriciamento em saúde mental. Brasília, DF. Ministério da Saúde: Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva, 2011.

CORDÁS, Táki Athanássios; MORENO, Ricardo Alberto. Condutas em Psiquiatria / editores Táki Athanássio Córdas, Ricardo Alberto Moreno. 4 ed. rev. e ampl. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.

COSTA, Antonio Gomes da. O professor como educador: um resgate necessário e urgente. / Antonio Carlos Gomes da Costa – Salvador: Fundação Luís Eduardo Magalhães, 2001.

COSTA. Cidade, territorialidade e redes na política de saúde mental Luciana Assis Costaa , Flávia Duque Brasilb Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 435-442, 2014.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O governo João Goulart e o golpe de 1964: memória, história e historiografia. Revista Tempo, Rio de Janeiro, v. 28, p. 125-145, 2009.

DESLANDES, S. F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecilia de Souza Minayo (organizadora). – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME (UNODC). 2014. UNODC apresenta Normas Internacionais de Prevenção ao Uso de Drogas no Simpósio Internacional sobre Abuso de Álcool. Disponível em: . Acesso em: 12 mar. 2015.

EISENSTEIN E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. Adolesc. Saúde. 2005; 2(2):6-7.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 9a, Paz e Terra. (O Mundo, Hoje, v. 10), 2002d.

FREIRE, Paulo. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez; 1991.

_____. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis / Paulo Freire; organização e notas Ana Maria Araújo. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

_____. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

_____. Educação e atualidade brasileira / Paulo Freire; prefácio Fundadores do Instituto Paulo Freire; organização José Eutásquio Romão; depoimentos Paulo Rosas, Cristina Helniger Freire. – 2. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002c.

_____. Educação e Mudança / Paulo Freire; tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 Coleção Educação e Comunicação vol. 1

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa /Paulo Freire 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.

_____. Pedagogia do oprimido /Paulo Freire 56ª ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. Pedagogia dos sonhos possíveis /Paulo Freire; Ana Maria Araújo Freire organizadora. – São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FURLAN, P. G. Veredas no território: análise da prática de Agentes Comunitários de Saúde. Mestrado em Saúde Coletiva. Campinas: Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, 2008.

GADOTTI, Moacir. A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar / Moacir Gadotti – 1. Ed. – São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire. Brasília, DF: UNESCO, 1996.

_____. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf> - acesso em abril 2017

GASTÃO, Wagner de Sousa Campos. GUERRERO, André Vinicius Pires, Manual de Práticas de Atenção Básica - Saúde Ampliada e Compartilhada. São Paulo. Editora HUCITEC. 2 ed. 2010.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social / Antonio Carlos Gil. – 6. Ed. – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2010.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro: LCT, 1998.

GUARESCHI, P. A. Sociologia crítica: alternativas de mudança / Pedrinho A. Guareschi. 62. Ed., rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: o9 Acesso em: 18 de Outubro de 2016.

MENDES, E. V. As Redes de atenção a Saúde. Ciência & Saúde coletiva, v. 15, n. 5, p. 2297-2305, 2010.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete transversalidade. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São

Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/transversalidade/>>. Acesso em: 06 de dez. 2017.

MEYER M. Guia prático para programas de prevenção de drogas. São Paulo: Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein; 2003. Disponível em <https://pt.slideshare.net/Elizeu9812/guia-prevencao-alberteinstein>. Acesso em: 29 de agosto de 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. / Maria Cecília de Souza Minayo. – 12º ed. – São Paulo: Hucitec; 2010.

NIEL, Marcelo; DA SILVEIRA, Dartiu Xavier. Drogas e Redução de Danos: uma cartilha para profissionais de saúde / Marcelo Niel & Dartiu Xavier da Silveira (orgs.). – São Paulo, 2008.

PAIM, Antonio. Tratado de ética. Londrina, Ed. Humanidades, 2003.

PINHEIRO, Roseni. Integralidade. In: Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/intsau.html>>. Acesso em outubro de 2017.

SANTOS JAT, OLIVEIRA MLF. Políticas públicas sobre álcool e outras drogas: breve resgate histórico. J Nurs Health, Pelotas (RS) 2012 jan/jun;1(2):82-93.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública. Manual do instrutor. São Paulo, 2006.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. A História das Idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas. / Afonso Celso Scocuglia. João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 1999 (2ª edição).

SILVA, Ana Paula Salles; BERGERO, Verônica Alejandra; SORIANO, Leonardo; CARNEIRO, Vítor de Souza. Reflexões sobre a loucura e a cidadania na dimensão das práticas corporais de lazer. In: FALCÃO, Jorge Luiz Cirqueira; SARAIVA, Maria do Carmo (orgs.). Esporte e Lazer na cidade: Práticas Corporais re-significadas. Florianópolis, Lagoa Editora, 2007, p. 171-189.

STIVAL, M. C. E. E.; FORTUNATO, S. A. O. Dominação e reprodução na escola: visão de Pierre Bourdieu. In: VIII Congresso nacional de educação – EDUCERE e III Congresso Ibero-Americano sobre violência nas escolas – CIAVE, Curitiba, 2008.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. – 3. ed. 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TRENTINI, Mercedes; PAIM, Lygia; SILVA, Denise Maria Guerreiro V. Pesquisa convergente assistencial: delineamento provocador de saúde. 3º.ed. Porto Alegre: moriá, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Carta ao Comitê de Ética e Pesquisa

Universidade Federal de Pelotas

Faculdade de Enfermagem

Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Orientadora: Dr^a. Enf^a. Luciane Prado Kantorski

Orientanda: Priscila Borges Silveira

Pelotas, ____ de _____ de 2017.

Ilustríssimos Membros do Comitê de Ética

Ao cumprimentá-los cordialmente, vimos por meio desta, solicitar a apreciação desse órgão para desenvolver a pesquisa **“A práxis docente acerca de álcool e outras drogas em uma escola pública”**. A pesquisa tem por objetivo conhecer as possíveis práxis docente em relação ao álcool e outras drogas em uma escola pública.

Informamos que os dados coletados serão utilizados para produção científica que resultará na dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPEL, sob a orientação da Dr.^a Enf^a. Luciane Prado Kantorski e publicações no meio acadêmico.

Assumimos, desde já, o compromisso ético de resguardar todos os participantes envolvidos no estudo, em consonância a Resolução 466/12 do Ministério da Saúde a qual trata de pesquisa envolvendo seres humanos.

Na certeza de seu apoio, desde já, agradecemos, bem como colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

Orientanda: Priscila Borges Silveira
E-mail: prisborges.prof@gmail.com
Fone: (53) 98423.0812

Orientadora: Luciane Prado Kantorski
E-mail: kantorski@uol.com.br
Fone: (53) 99983.2430

APÊNDICE B – Carta de apreciação à Secretaria Municipal de Educação e Desporto

Universidade Federal de Pelotas

Faculdade de Enfermagem

Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Orientadora: Dr^a. Enf^a. Luciane Prado Kantorski

Orientanda: Priscila Borges Silveira

Pelotas, agosto de 2017.

Ilustríssimo Senhor Secretário Municipal de Educação e Desporto

Eu, Priscila Borges Silveira, licenciada em Educação Física, Mestranda do Programa de Pós- Graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, e minha orientadora Dr^a. Enf^a. Luciane Prado Kantorski vimos por meio desta, solicitar autorização para desenvolver a pesquisa **“A práxis docente acerca de álcool e outras drogas em uma escola pública”**. A pesquisa tem por objetivo conhecer as possíveis práxis docente em relação ao álcool e outras drogas em uma escola pública.

Os dados serão coletados por meio de entrevista semiestruturada com seis docentes de cada turno somando 18 participantes para o estudo, contando que os participantes do estudo serão docentes dos três turnos (manhã, tarde e noite). Dentre a totalidade dos docentes deverá ser contemplada as três grandes áreas, sendo elas: exatas (química, física, matemática, biologia); humanas (geografia, história, sociologia, filosofia); linguagem (línguas estrangeiras, português, artes, educação física).

Este estudo é requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências a ser apresentado à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Informamos que as entrevistas serão gravadas e realizadas em lugar privativo, em momento previamente agendado.

Ressalta-se o compromisso ético de resguardar todos participantes envolvidas na pesquisa, garantindo o anonimato em consonância com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que trata de pesquisa envolvendo seres humanos. E também que os dados só serão coletados após a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e mediante autorização dos participantes envolvidos no estudo.

Na certeza de contar com vosso apoio, desde já agradecemos e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Priscila Borges Silveira

Celular: (53) 98423.0812 – E-mail: prisborges.prof@gmail.com

Prof^a. Enf^a Dr^a. Luciane Prado Kantorski

Celular: (53) 99983.2430 – E-mail: kantorski@uol.com.br

Ciente. De acordo.

Assinatura e carimbo de identificação da função.

Data: ____/____/____

APÊNDICE C – Carta convite à Escola

Universidade Federal de Pelotas

Faculdade de Enfermagem

Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Orientadora: Dr^a. Enf^a. Luciane Prado Kantorski

Orientanda: Priscila Borges Silveira

Pelotas, agosto de 2017.

Ilustríssimo Diretor

Eu, Priscila Borges Silveira, licenciada em Educação Física, Mestranda do Programa de Pós- Graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, e minha orientadora Dr^a. Enf^a. Luciane Prado Kantorski vimos por meio desta, convidar esta instituição para participar da pesquisa **“A práxis docente acerca de álcool e outras drogas em uma escola pública”**, estudo este já aceito através de solicitação realizada à Secretaria Municipal de Educação e Desporto. A pesquisa tem por objetivo conhecer as possíveis práxis docente em relação ao álcool e outras drogas em uma escola pública.

Os dados serão coletados por meio de entrevista semiestruturada com seis docentes de cada turno somando 18 participantes para o estudo, contando que os participantes do estudo serão docentes dos três turnos (manhã, tarde e noite). Dentre a totalidade dos docentes deverá ser contemplada as três grandes áreas, sendo elas: exatas (química, física, matemática, biologia); humanas (geografia, história, sociologia, filosofia); linguagem (línguas estrangeiras, português, artes, educação física).

Este estudo é requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências a ser apresentado à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Informamos que as entrevistas serão gravadas e realizadas em lugar privativo, em momento previamente agendado.

Ressalta-se o compromisso ético de resguardar todos participantes envolvidas na pesquisa, garantindo o anonimato em consonância com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que trata de pesquisa envolvendo seres humanos. E também que os dados só serão coletados após a

aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e mediante autorização dos participantes envolvidos no estudo.

Na certeza de contar com vosso apoio, desde já agradecemos e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Priscila Borges Silveira

Celular: (53) 98423.0812 – E-mail: prisborges.prof@gmail.com

Prof^a. Enf^a Dr^a. Luciane Prado Kantorski

Celular: (53) 99983.2430 – E-mail: kantorski@uol.com.br

Ciente. De acordo.

Assinatura e carimbo de identificação da função.

Data: ____/____/____

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal de Pelotas

Faculdade de Enfermagem

Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Orientadora: Luciane Prado Kantorski

Orientanda: Priscila Borges Silveira

E-mail: kantorski@uol.com.br

E-mail: prisborges.prof@gmail.com

Fone: (53) 99983.2430

Fone: (53) 98423.0812

Pelotas, ____ de _____ de 2017.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Vimos, respeitosamente, por meio do presente, solicitar a sua colaboração no sentido de participar da pesquisa intitulada **“A práxis docente acerca de álcool e outras drogas em uma escola pública”** que será realizada com docentes da 6ª série do Colégio Municipal Pelotense. A pesquisa tem por objetivo conhecer as possíveis práxis docente em relação ao álcool e outras drogas em uma escola pública.

PROCEDIMENTOS: Serão realizadas entrevistas gravadas em períodos previamente agendados entre as participantes e a pesquisadora. Os resultados serão usados para fins científicos e estarão à sua disposição sempre que solicitar.

RISCOS: O estudo não irá acarretar riscos físicos a você participante, pois não serão utilizados procedimentos invasivos, no entanto, o risco de desconforto por ventura gerado nos questionamentos poderá ser minimizado considerando que a entrevista poderá ser interrompida, sempre que solicitado e as perguntas serão respondidas de livre e espontânea vontade, podendo ser respondidas na totalidade ou em parte, sem prejuízo ao participante. Em caso de desconforto emocional relevante iremos oferecer suporte orientando você a acessar um serviço da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do município. Você participante terá o direito de retomar ou não a entrevista, sem prejuízo do mesmo.

BENEFÍCIOS: Os benefícios de sua participação nesta pesquisa relacionam-se com a possibilidade de reconhecer a presença ou não de ações desenvolvidas na escola acerca de álcool e outras drogas. Desenvolver uma visão crítica de sua prática,

compreender a relação da práxis docente com a temática e o envolvimento em atividades e ações desenvolvidas em sua que não pode negligenciar demandas desta ordem, assim como identificar parcerias da rede intersetorial para possíveis articulações e compartilhamento do cuidado.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: A sua participação neste estudo será voluntária, podendo interrompê-la a qualquer momento, se assim desejar, sem que isso lhe traga prejuízo pessoal ou profissional.

ANONIMATO: Sua identidade permanecerá em anonimato durante todas as etapas do estudo. Sendo que os resultados serão transcritos e analisados com responsabilidade e honestidade e usados exclusivamente para fins científicos.

CONSENTIMENTO: Pelo presente consentimento informado declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa da pesquisa, dos riscos e benefícios para mim. A pesquisadora respondeu todas as suas perguntas até sua completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este formulário de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado em duas vias ficando uma em seu poder e a outra com o pesquisador responsável pela pesquisa.

Assinaturas:

Pesquisador

Participante da Pesquisa

Data: ____ / ____ / ____

APÊNDICE E – Instrumento de Entrevista Semi-Estruturada

Dados de Caracterização

Identificação: _____	Sexo: () M () F
Idade: _____	Cor: _____
Naturalidade: _____	Local de Moradia: _____
Formação Acadêmica e Escolaridade: _____ _____ _____	
Há quanto tempo leciona _____	E, nessa escola: _____
Leciona em mais escolas: () Sim () Não	Em quantas escolas leciona: _____
Que tipo escola leciona: () Municipal () Estadual () Particular	
Nesta Escola qual é seu vínculo (ex.: contratado, concursado) _____	
Nesta Escola em quais turnos leciona: () Manhã () Tarde () Noite	
Quantas turmas você leciona: _____	
Leciona em turmas de que ano: _____	
Há quanto tempo você leciona com turmas de 7ª ano: _____	
Qual disciplina você leciona no 7º ano: _____	

Eixos e questões norteadoras:

I – O temário de álcool e outras drogas nos conteúdos que o docente desenvolve.

- 1) No contexto de sua docência, lecionando em turmas de 7º ano, como seria para você trabalhar temas que vão para além do conteúdo específico da disciplina da qual leciona, os chamados temas transversais, no caso a temática de álcool e outras drogas.**

✓ Questões disparadoras:

Explique como você abordaria esta temática? Quais seriam as orientações? Trabalharia sozinho ou solicitaria parceria da escola, colegas ou profissionais de outras áreas como saúde, segurança pública, entre outras? Como percebe a pertinência ou não desta temática para os discentes e na(s) disciplina(s) que

você leciona? Quais os desafios e limites de trabalhar a temática de álcool e outras drogas nas turmas de 7º ano?

II – Ações na Escola quanto ao temário de álcool e outras drogas.

- 2) Quais ações realizadas nesta escola, que você identifica em relação a temática de álcool e outras drogas? Comente sobre como foram desenvolvidas tais intervenções.**

✓ Questões disparadoras

Descreva quem promoveu este trabalho, a direção, a coordenação, docentes, profissionais de outros setores como saúde, segurança pública, entre outros, acadêmicos, grupos de pesquisa? Como você participou deste momento? Como foi abordada esta temática? Quais foram as dificuldades e facilidades encontradas nesta(s) atividades?

III – A relação docente com situações vivenciadas quanto ao temário de álcool e outras drogas na Escola.

- 3) Fale sobre situações que você vivenciou com suas turmas de 7º ano em relação a discentes que enfrentavam alguma situação relacionada a álcool e outras drogas? E sobre sua ação neste sentido? Fale sobre os desafios e limites dessa prática.**

✓ Questões disparadoras a resposta SIM:

Descreva como era essa relação docente discente nestas situações. Comente se alguma vez algum discente lhe procurou para falar de alguma situação referente à álcool e outras drogas e como foi esta aproximação e acolhimento da situação. Em algum momento você compartilhou destas situações com colegas docentes ou outros profissionais e como foi pensar esta situação no coletivo dentro da escola? Descreva de que ordem era essas situações relacionadas à álcool e outras drogas (ex.: Dificuldade de aprendizagem, problemas de relacionamento na escola,

problemas financeiros – sociais, problemas de saúde, enfrentamento diante ao preconceito, estigma, incomodo da própria instituição pelo fato do aluno consumir tais substâncias mesmo sem isso interferir na sua aprendizagem, ou mesmo a situação não ter relação direta com o discente mas sim com familiares usuários e isso refletir em preconceito para o discente de colegas ou dos próprios profissionais, ou a questão do familiar usuário refletir no discente por questões de negligência)? Como é pra você estabelecer vínculo com discentes que apresentam situações referentes à álcool e outras drogas, descreva.

ANEXOS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A PRÁXIS DOCENTE ACERCA DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA

Pesquisador: PRISCILA BORGES SILVEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 80318017.5.0000.5317

Instituição Proponente: Faculdade de Enfermagem

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.439.114

Apresentação do Projeto:

Diante de tantos atributos esperado e exigido ao docente para enfrentamento de uma sociedade opressora é latente conhecer a práxis docente frente a temáticas e assuntos desta realidade, dentre estas a relação com o álcool e outras drogas, dado que é uma situação de saúde, educação e social que tem afetado a vida na escola.

Objetivo da Pesquisa:

Adequados à temática proposta com potencial contribuição à prática docente no contexto escolar de jovens e crianças.

Objetivo Primário:

Conhecer a práxis docente em relação ao álcool e outras drogas em uma escola pública

Objetivo Secundário:

- Descrever as atividades desenvolvidas com e por docentes, em uma escola pública, voltadas para a abordagem do tema álcool e outras drogas;
- Discutir os desafios e limites da práxis docente referente a esta temática.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequadamente descritos.

Endereço: Av Duque de Caxias 250

Bairro: Fragata

UF: RS

Telefone: (53)3284-4960

Município: PELOTAS

Fax: (53)3221-3554

CEP: 96.030-001

E-mail: cep.famed@gmail.com

Continuação do Parecer: 2.439.114

Riscos:

O estudo não irá acarretar riscos físicos aos participantes, pois não serão utilizados procedimentos invasivos. No entanto, o risco de desconforto por ventura gerado nos questionamentos poderá ser minimizado considerando que a entrevista poderá ser interrompida, sempre que solicitado e as perguntas serão respondidas de livre e espontânea vontade, podendo ser respondidas na totalidade ou em parte, sem prejuízo ao participante. Em caso de desconforto emocional relevante iremos oferecer suporte orientando esta pessoa a acessar um serviço da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do município. O participante terá o direito de retomar ou não a entrevista, sem prejuízo do mesmo.

Benefícios:

O estudo aponta como benefícios aos participantes reconhecer a presença ou não de ações desenvolvidas na escola acerca de álcool e outras drogas. Desenvolver uma visão crítica de sua prática, compreender a relação da práxis docente com a temática e o envolvimento em atividades e ações desenvolvidas enquanto instituição que não pode negligenciar demandas desta ordem, assim como identificar parcerias da rede intersetorial para possíveis articulações e compartilhamento do cuidado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Temática com potencial de contribuição para a promoção da saúde de crianças e jovens no que concerne à prevenção do uso de álcool e drogas. Relevante, ética, factível e inédito no contexto mencionado. Projeto com excelente apresentação e redação, ético, relevante do ponto de vista da promoção da saúde de crianças e adolescentes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados, bem redigidos.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não apresenta pendências.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av Duque de Caxias 250
Bairro: Fragata CEP: 96.030-001
UF: RS Município: PELOTAS
Telefone: (53)3284-4960 Fax: (53)3221-3554 E-mail: cep.famed@gmail.com

UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS



Continuação do Parecer: 2.439.114

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1023498.pdf	01/11/2017 16:15:16		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoDeConsentimentoLivreEsclarecidoPri.pdf	01/11/2017 15:24:59	PRISCILA BORGES SILVEIRA	Aceito
Outros	CartaDeAnuenciaAceiteSecEducaoPri.pdf	01/11/2017 15:18:56	PRISCILA BORGES SILVEIRA	Aceito
Orçamento	OrcamentoPri.pdf	01/11/2017 15:12:37	PRISCILA BORGES SILVEIRA	Aceito
Cronograma	CronogramaPri.pdf	01/11/2017 15:10:37	PRISCILA BORGES SILVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	DissertacaoPriComiteDeEtica.pdf	01/11/2017 15:10:05	PRISCILA BORGES SILVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadDeRostoPri.pdf	01/11/2017 13:59:12	PRISCILA BORGES SILVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PELOTAS, 14 de Dezembro de 2017

Assinado por:
Patricia Abrantes Duval
(Coordenador)

Endereço: Av Duque de Caxias 250
Bairro: Fragata CEP: 96.030-001
UF: RS Município: PELOTAS
Telefone: (53)3284-4960 Fax: (53)3221-3554 E-mail: cep.famed@gmail.com

II Relatório de Campo

II Relatório de Campo

O presente relatório de campo refere-se ao estudo realizado para a elaboração de dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (PPGENF-UFPEL), para obtenção do título de Mestre em Ciências – Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde.

Para realização do estudo, foi feito contato com a Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas-RS (SMED), em outubro de 2017. Neste contato foi apresentado o projeto e solicitado autorização através de uma “Carta de Apreciação à Secretaria de Educação” (Apêndice B – Projeto) para realização do estudo em uma Escola da Rede Municipal de Ensino. Após apresentação do projeto à gestão, o mesmo submetido à Plataforma Brasil. Mediante ao parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, que ocorreu no final da primeira quinzena de dezembro de 2017, foi feito novamente, contato com a Secretaria de Educação do Município, apresentado o resultado do Comitê de Ética e solicitado aproximação da escola onde o estudo seria realizado.

Com autorização da Secretaria Municipal de Educação (SMED), foi realizada aproximação com o local de estudo, sendo entregue uma “Carta Convite para a Escola” (Apêndice C – Projeto) diretamente para a coordenação pedagógica e realizado, junto a mesma, uma conversa sobre o estudo e o esclarecimento da seleção dos(as) participantes em uma reunião pedagógica de encerramento do ano letivo com todos(as) docentes da escola, a qual fora realizada na segunda quinzena de dezembro de 2017. Nesta reunião foram poucos os (as) docentes interessados (as) em participar. Os (as) interessados (as) deixaram e-mail e foram contactados (as) no período de férias, porém nenhum(a) docente deu retorno positivo para realizar entrevista neste período. Desta forma ficou acordado com a coordenação pedagógica da escola que se retornaria a campo no início do ano letivo de 2018.

Sendo assim, em março de 2018 foi realizado contato com a coordenação pedagógica, que orientou a convidar individualmente cada docente que lecionasse no 7º ano e ou etapa 6 (EJA referente ao 7º ano noturno) conforme os critérios de inclusão para os participantes descritos no projeto. A priori era compor um grupo de docentes

que contemplasse os três turnos (manhã, tarde e noite), porém a escola de estudo só contemplava turmas do 7º ano nos turnos da tarde e noite.

Desta forma foi feito um levantamento de todas disciplinas tarde e noite referentes ao 7º ano, relacionando os(as) docentes que lecionavam em cada disciplina. Entre tarde e noite totalizaram 25 disciplinas, sendo que alguns(as) docentes lecionavam em mais de uma disciplina, assim como algumas disciplinas tinham mais de um(a) docente e está mescla de duplicações de disciplinas e docentes não transparecia a totalidade de docentes que lecionavam nos referidos anos e turnos. Sendo assim em março foi realizada uma busca individual por turnos, realizando pessoalmente o convite para participar da pesquisa. Foram abordados(as) todos(as) docentes que circulavam pela “Sala dos Professores”, porém somente 17 docentes de 7º ano e Etapa 6 (Referente ao 7º ano noturno) foram acessados. Houve 5 recusas justificadas em virtude da indisponibilidade de horário do(a) docente, assim como 2 desistências que agendaram entrevista em média de duas a três vezes e não compareceram. De março a maio de 2018 foi o período de busca ativa de docentes, de agendamento e realização de entrevistas.

A busca foi realizada durante os turnos inteiros na “sala dos professores” conversando com todos(as) que transitavam por ali em seus horários vagos durante os períodos de aula ou no recreio, esclarecendo sobre o estudo e questionando o ano que o(a) docente lecionava. Sendo o ano estabelecido nos critérios (7º ano e Etapa 6), a pesquisadora realizava o convite. Cabe salientar que a quantidade de participantes sofreu alterações primeiramente por conta de não contemplar os três turnos e ainda por adversidades como recusas e desistências.

Participaram do estudo 10 docentes que lecionavam em áreas diversas como das exatas, humanas e linguagem, em turmas de 7º ano e/ou EJA (7º ano noturno – chamado Etapa 6), dos turnos da tarde e noite, sendo que não haviam turmas desse mesmo ano no turno da manhã. Desta forma, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, em local privado e gravadas por meio de material eletrônico, totalizando em média cinco horas de gravação.

As entrevistas foram realizadas na sala do Serviço de Orientação Pedagógica (SOP), com a presença somente da entrevistadora e do(a) entrevistado(a) no momento. As entrevistas foram realizadas em local privado e gravadas com

autorização obtida pelo Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Apêndice D – Projeto). O roteiro da entrevista não sofreu alterações por conta de haver questões disparadoras em cada eixo para estimular que o(a) participante trouxesse informações que respondesse o objetivo do estudo. Em média cada entrevista durou de 15 a 30 minutos, a maioria foi pré agendada, apenas um docente teve disponibilidade no momento que foi realizado o convite e algumas foram reagendadas mais de uma vez em virtude da troca de horários dos(as) docentes que ocorre muito no início do ano letivo até fechar a grade de aulas na semana.

Após o término de cada entrevista, os dados foram transcritos e organizados em temas e analisados conforme proposta operativa de Minayo (2010) descrita nas metodologias o projeto e os resultados analisados em consonância com o referencial teórico adotado. A partir dessas transcrições, foram constituídos os dados de caracterização dos(as) participantes e a categorização das temáticas.

Para construção final desse estudo, optou-se por apresentar a dissertação em forma de artigo trabalhando a temática central “Práxis da conscientização ao engajamento: Ações na escola quanto ao temário de álcool e outras drogas”, enfatizando os seguintes aspectos: desafios e limites da Práxis docente quanto ao temário de álcool e outras drogas na escola, assim como destacando as possibilidades de uma Práxis docente quanto ao mesmo temário, articulando dados obtidos e que se transversalizam nos três eixos que apontam possibilidades na escola em relação ao temário, sendo eles: Eixo I - O temário de álcool e outras drogas nos conteúdos que o docente desenvolve; Eixo II – Ações na escola quanto ao temário de álcool e outras drogas; Eixo III – A relação docente com situações vivenciadas quanto ao temário de álcool e outras drogas na escola.

E, por fim foi realizado a escrita do relatório final, o qual descreve a metodologia utilizada para coleta e interpretação dos dados com vistas a responder o objetivo do estudo. Neste sentido, a seguir encontra-se o artigo de sustentação da dissertação intitulado: ‘Agora me dei conta’ – Os possíveis movimentos na práxis docente sobre o álcool e outras drogas em uma escola pública

III Artigo

‘AGORA ME DEI CONTA’ – OS POSSÍVEIS MOVIMENTOS NA PRÁXIS DOCENTE SOBRE O ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA

RESUMO

Objetivo: O presente trabalho objetiva conhecer a práxis docente em relação ao álcool e outras drogas em uma escola pública. **Metodologia:** Pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva, realizada com 10 docentes de uma escola da rede de ensino do município de Pelotas-RS, que lecionavam em turmas de 7º ano do turno da tarde e etapa 6 (EJA referente ao 7º ano do turno da noite). A coleta de dados realizou-se no período de março a maio de 2018, por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas na íntegra. A análise de dados baseiou-se na proposta de análise temática segundo operacionalização de Minayo (2010), **Resultados:** Identificou-se que os(as) docentes reconheceram a esporadicidade na agenda do ano letivo relacionado ao temário de álcool e outras drogas, sendo está temática abordada pontualmente e de forma bancária conforme às concepções freerianas, o que não estimula uma consciência crítica sobre o tema. Destacam ainda a importância de trabalhar este temário e anunciam possibilidades, como articulações interdisciplinares e intersetoriais, investimento em projetos de vida, aproximação da escola com a comunidade e realidade discente. **Considerações finais:** Ressalta-se o despertar da consciência docente sobre a importância da temática de álcool e outras drogas, emergindo os movimentos para ação, verbalizados enquanto possibilidades, constituindo assim as possíveis práxis docentes.

Palavras Chaves: Álcool e outras drogas; Práxis docente; Ações na escola

Introdução

O campo da educação é um espaço para o despertar de saberes. A escola é a instituição responsável por produzir e reproduzir conhecimentos a serviço da sociedade, específicos da escolaridade, por vezes verticais de moralidade e que tendem a ser controlados pelos que detêm o poder (PAIM, 2013).

É frente a esta conjuntura, que aparenta ser moralista, carregada de estigma e com relações de dominação, que emergem as práxis docentes associadas a sua “capacidade de refletir, de atuar, operar, transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem” (FREIRE, 1979), que podem ser tanto propostas libertadoras diante a esta conjuntura, ou aliadas com as relações de dominação e opressão que atuam na sociedade.

Em relação ao modo operacional do sistema educacional, Freire (2013) delinea que o modo de aprender vai depender do método de ensino, ressaltando que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção” (FREIRE, 2013, p. 47).

Sendo tradicionalmente institucionalizado o ambiente escolar como lócus da ação docente, evidenciam-se formas distintas relacionadas ao modo de ensino, que reforçam ou não este modelo tradicional. Uma primeira configuração, descrita por Guareschi (2009), como matriz dos condicionamentos ou comportamental, se ensina dando estímulos e a pessoa sendo objeto receptor. Por outro lado, com uma diferente conformação, tem a matriz dialogal, na qual a pessoa é sujeito da ação e ensina-se colocando elementos contraditórios nesse processo, fazendo perguntas para que o sujeito crie sua resposta, reconstruindo o esquema ferido pela contradição.

Devido a esses elementos, o Brasil tende a apresentar práticas de ensino bastante distintas. A partir disso, torna-se necessário compreender quais atributos são exigidos à escola pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do ensino fundamental.

Este documento, sobretudo, determina parâmetros para serem seguidos no ensino, destacando que a era atual está marcada pela competição e pela excelência, estabelecendo-se novas exigências para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho. Por consequência, demanda-se uma revisão dos currículos que orientam o

trabalho cotidiano de professores e especialistas em educação no Brasil (BRASIL, 1998a). Norteado pela demanda trabalhista, a apresentação feita aos professores nos PCNs condiz com a matriz do condicionamento, ou comportamental citada por Guareschi (2009) que indiretamente apontam que a escola está a serviço de reproduzir relações de produção e dominação.

Para Bourdieu, o sistema de dominação vigente no âmbito da escola e suas relações sociais são como um disfarce da realidade social. Este ainda destaca que é através da percepção de sua função ideológica, política e legitimadora que é possível compreender o sistema educacional, o qual se torna necessário à perpetuação da “ordem social” (STIVAL e FORTUNATO et al, 2008)

Em contrapartida os PCNs, desde a época de sua criação, propõem que escolas e professores abordem diversas temáticas de forma transversal nas diferentes disciplinas, estimulando a configuração da matriz dialogal descrita por Guareschi (2009). Deste modo, abrem-se possibilidades para construção de outras perspectivas na educação. Estes têm incentivado a abordagem de temas especiais na educação a exemplo da ética, meio ambiente, orientação sexual, pluralidade cultural, trabalho e consumo, e a saúde (BRASIL, 1998b). Entretanto, a utilização de temas transversais, assim proposto pelos PCNs, continua a ser desenvolvido em eventos esporádicos no calendário anual escolar, distribuídos de forma fragmentada e com o engajamento de poucos professores (BONFIM et al, 2013).

Frente à temática para qual se volta este estudo, na saúde, destaca-se o temário de álcool e outras drogas, que também está intrinsecamente relacionado com a saúde, educação, com o social e a vida escolar. Contudo, é um tema para a saúde articular propostas junto à educação, dado que dependendo do consumo destas substâncias pode interferir na vida da pessoa, levar a consequências para a vida humana. A política pública se volta para a prevenção, promoção, destinadas “a garantir às pessoas e à coletividade condições de bem estar físico, mental e social” (BRASIL, 1990), sendo função da saúde, de forma intersetorial, levar informações sobre essas substâncias, interferir nos determinantes de uso e garantir atenção em saúde para pessoas que tiveram consequências na vida em detrimento do uso.

Na atualidade, de acordo com Malta et al. (2014), o uso de substâncias psicoativas vem aumentando com a idade, passando em menores de 13 anos de 6,0%

para 10,6% em maiores de 16 anos, sendo o maior uso entre meninos, maior em estudantes da rede pública de ensino em relação à privada, e que, estudantes que mais faltam às aulas ou evadem apresentam maior o risco de uso de substâncias psicoativas¹.

Tais estudos evidenciam a necessidade de que o diálogo sobre esta temática se amplie para além do campo da saúde, se articulando com outros dispositivos, a exemplo da escola, para a realização de ações conjuntas.

Como forma de abordagem a esta temática e implementação da promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos no território, o Brasil tem como proposta governamental o Programa Saúde na Escola (PSE) que dentre as suas propostas conta/prevê a 'prevenção ao uso de álcool e tabaco e outras drogas'. Para tal, o programa dispõe de formação das equipes de educação e de saúde que irão atuar no PSE, através de formação, materiais didáticos-pedagógicos que atendam às necessidades de implantação das ações (BRASIL, 2011, p. 18).

Incluso nesta proposta, como parte integrante do PSE, se tem o “Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas” que objetiva “preparar esses profissionais (educadores) para a realização de ações preventivas na escola e de desenvolvimento de abordagens adequadas nas situações de uso de álcool, crack e outras drogas, além de outros comportamentos de risco” (BRASIL, 2014, p. 6). Assim como outros programas, como é o caso do “#TamoJunto – versão brasileira adaptada do programa *Unplugged* – programa desenvolvido pelo EU-DAP (Experiência de Prevenção do Uso de Drogas na Europa)” que é uma ferramenta para o trabalho com influências sociais e habilidades de vida associadas à prevenção do uso de drogas, que integra um conjunto de 12 aulas, além das 3 Oficinas de pais e responsáveis” (BRASIL, 2017, p. 3).

Outra ferramenta é o “Guia Prático para Programas de Prevenção de Drogas” o qual conceitua o que é prevenção, descrevendo os três tipos: prevenção primária, direcionada para evitar ou retardar a experimentação ao uso de drogas; prevenção secundária que objetiva atingir pessoas que já experimentaram ou fazem uso ocasional, neste caso é indicado intervenção com um conjunto de profissionais; e

¹ Entende-se por substância psicoativas aquelas que modificam o estado mental da pessoa (CORDÁS; MORENO, 2001).

prevenção terciária que corresponde ao tratamento do uso nocivo ou da dependência o qual a escola identifica e encaminha para profissionais da saúde. O guia ainda descreve que programas de prevenção devem enfatizar em reduzir fatores de riscos e ampliar fatores de proteção, aponta também estratégias e etapas para construir um programa de prevenção (MEYER, 2013).

Para além dos programas e guia existe as “Diretrizes Internacionais sobre Prevenção ao Uso de Drogas” desenvolvidas pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) que apontam prevenções positivas resultantes de intervenções e políticas com evidências científicas (ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME, 2013).

Um outro modelo de prevenção é o “Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência” (PROERD), de prevenção para alunos do ensino fundamental (5º e 7º ano) desenvolvido por policiais militares, com abordagem oposta aos já citados, exaltando a “guerra às drogas”. Baseado no Drug Abuse Resistance Education (D.A.R.E.), um programa que surgiu nos EUA em 1983 (SÃO PAULO, 2006).

Diante de algumas, das possibilidades existentes de intervenções através de programas ou mesmo diretrizes, é latente o papel da escola frente ao temário de álcool e outras drogas, tanto nas práticas pedagógicas como nas abordagens docentes diante situações vivenciada dentro da escola que envolvam a temática.

Apesar de compreender como se constitui a escola e as possíveis intervenções referentes à saúde, no que tange ao álcool e outras drogas, não há conhecimento sobre as limitações e desafios à práxis docente nesta perspectiva, dado que este tema em específico, ao considerar o exposto, transcende a função de implementar temas transversais e programas desta ordem na escola, pois o uso de drogas trata-se de uma questão subjetiva, social, cultural, histórica e econômica de múltiplas faces que requer intersectorialidade em diálogo com a comunidade estudantil no território.

A práxis docente na escola, comunidade e em interface com outras instituições e perspectivas pode contribuir significativamente neste processo, contudo, é uma perspectiva a ser conhecida, como é para o(a) docente que vivencia o cotidiano da escola, quais são as limitações e desafios para operar com o temário de álcool e outras drogas. Deste modo este estudo tem o objetivo de conhecer a práxis docente

em relação ao álcool e outras drogas em uma escola pública, em uma leitura/análise principalmente a partir do referencial freiriano.

Metodologia

Este é um estudo qualitativo, descritivo de análise temática, segundo operacionalização de Minayo, realizado com 10 docentes em uma escola da Rede Municipal de Ensino, num município de médio porte no Sul do Brasil.

A escola possui aproximadamente 3100 alunos, com 270 docentes e 92 funcionários e está localizada em uma área central da cidade. O motivo da escolha desta escola como local de estudo se deu pelo fato desta acolher estudantes de diversos bairros da cidade, o que reforça a diversidade discente que está em formação neste espaço, que por consequência, demanda dos(das) docentes trabalharem com diferentes culturas, classes sociais, entre diversos outros aspectos.

Para a coleta de dados foi realizado o contato com a Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED), com a coordenação pedagógica da escola e o convite feito aos docentes em participar do estudo. Os critérios de inclusão adotados foram: Ser docente efetivo ou contratado do 7º ano, que contemplasse lecionar para a faixa etária de adolescentes; Experiência com o 7º ano por no mínimo um ano, por entender que é o tempo necessário para que o sujeito conheça os aspectos culturais, sociais entre outros da comunidade escolar, assim como as relações que se estabelecem.

Desta forma foi feito um levantamento de todas disciplinas tarde e noite referentes ao 7º ano, relacionando os(as) docentes que lecionavam em cada disciplina. Entre tarde e noite totalizaram 25 disciplinas, sendo que alguns(as) docentes lecionavam em mais de uma disciplina, assim como algumas disciplinas tinham mais de um(a) docente e esta mescla de duplicações de disciplinas e docentes não transparecia a totalidade de docentes que lecionavam nos referidos anos e turnos. Sendo assim em março foi realizada uma busca individual por turnos, realizando pessoalmente o convite para participar da pesquisa. Foram abordados(as) todos(as) docentes que circulavam pela “Sala dos Professores”, porém somente 17 docentes de 7º ano e Etapa 6 (Referente ao EJA 7º ano noturno) foram acessados. Houve 5 recusas justificadas em virtude da indisponibilidade de horário do(a) docente, assim

como 2 desistências que agendaram entrevista em média de duas a três vezes e não compareceram. De março a maio de 2018 foi o período de busca ativa de docentes, de agendamento e realização de entrevistas.

Participaram do estudo 10 docentes que lecionavam em áreas diversas como das exatas, humanas e linguagem, em turmas de 7º ano e/ou EJA (7º ano noturno – chamado Etapa 6), dos turnos da tarde e noite, sendo que não haviam turmas desse mesmo ano no turno da manhã. Desta forma, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, em local privado e gravadas por meio de material eletrônico, totalizando em média cinco horas de gravação.

A entrevista semiestruturada “combina perguntas fechadas e abertas, em que o(a) entrevistado(a) tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2010, p. 261).

Para a construção do instrumento de pesquisa, foram desenvolvidas questões a partir de três eixos de análise de aprofundamento, sendo eles: Eixo I - O temário de álcool e outras drogas nos conteúdos que o docente desenvolve; Eixo II – Ações na escola quanto ao temário de álcool e outras drogas; Eixo III – A relação docente com situações vivenciadas quanto ao temário de álcool e outras drogas na escola.

O período da coleta de dados ocorreu de março a maio de 2018. Os dados obtidos nas entrevistas, foram transcritos e analisados tendo como referencial metodológico a análise temática segundo operacionalização de Minayo, a qual “comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentadas através de uma palavra, de uma frase, de um resumo” (MINAYO, 2010, p. 315).

Foram considerados os preceitos da resolução nº466/ 2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), sendo o projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPEL e aprovado sob o número do parecer 2.439.114. Todos os sujeitos assinaram o termo de consentimento para a pesquisa.

Considerando o anonimato dos participantes da pesquisa, os dados de caracterização dos participantes estão apresentados nos resultados da seguinte forma: Docente 1, Docente 2, Docente 3, Docente 4, Docente 5, Docente 6, Docente 7, Docente 8, Docente 9 e Docente 10.

Resultados

Nos resultados apresenta-se primeiramente uma caracterização das(os) docentes entrevistadas(os), dando seguimento com os dados das entrevistas.

Os sujeitos do estudo foram docentes vinculados à Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED), que lecionavam em uma Escola da Rede Municipal de Pelotas. A pesquisa foi composta por dez docentes da mesma escola que lecionavam em turmas de 7º ano do turno da tarde e/ou Etapa 6 (EJA referente ao 7º ano) do turno da noite. Dos dez sujeitos, seis lecionavam no turno da tarde e quatro no turno da noite, sendo três da área das exatas, três da área da linguagem e quatro da área das humanas, contemplando as disciplinas de ciências, matemática (duas docentes entrevistadas), filosofia, relações humanas, literatura, geografia (duas docentes entrevistadas), educação física e espanhol. A idade dos sujeitos variou de 31 à 60 anos, seis das participantes eram do sexo feminino os demais masculinos, sendo seis de cor branca, um negro, um pardo e uma calcasiana. O tempo que os sujeitos informaram ter trabalhado com a docência variava de 7 a 40 anos, e o tempo que lecionam na escola do estudo foi de 5 a 40 anos.

Dando seguimento, os dados obtidos nas entrevistas a partir do questionamentos dos três eixos:

Nas entrevistas os(as) docentes relatam que a temática de álcool e outras drogas é tratada pontualmente pela escola:

A escola oportunizou, mas foram questões pontuais assim [...] já faz tempo já, não é coisa recente! [...] pode ter havido mas eu não lembro! (Docente 5)

É já teve assim aqui na escola algumas palestras [...] se tem uma vez por ano ou duas vezes que a gente conversa sobre algum tema e nem sempre mesmo a gente vai (Docente 6)

Em ações a escola tem oferecido algumas palestras, abordagens, mas eu acho que isso é muito assim, esporádico ainda, muito esporádico.. são convidados, é feito no auditório, vem palestrantes [...] isso tem ocorrido, mas é esporádico. (Docente 10)

As(os) docentes deste estudo ao serem questionadas(os) sobre as ações desenvolvidas na escola quanto ao temário de álcool e outras drogas, evidenciaram que além das atividades desenvolvidas por alguns(as) deles(as), incluindo trabalhar com temas transversais nas disciplinas que lecionam, houve intervenções de dois seguimentos dentro da escola, da Segurança Pública e Universidade.

Uma vez chamaram por parte da Brigada [...] e uma vez também [...] um grupo também de pesquisa, não me lembro se era da federal, não me lembro de qual universidade que também tinha um projeto nessa área. (Docente 1)

O colégio faz, fazem palestra.. Trazem! [...] Teve o pessoal da segurança pública [...] pessoal acho que da polícia civil ou foi da Brigada já teve aqui dando palestras [...] Tem pessoal também acho que da universidade que vem aqui, já veio né! (Docente 3)

Quando a disciplina de Relações Humanas tinha um coordenador [...] eram feito ações né, depois que essa disciplina deixou de ter coordenação não se fez mais nada disso.. aí quem é que acabava vindo? Uma vez por ano na escola fazer esse tipo de coisa, eu percebo o pessoal da Brigada! [...] tinha PROERD (Programa Educacional de Resistência as Drogas e a Violência) já faz uns dois anos que eu não vejo acontecer eu não sei se acabou o projeto ou o que se deu, mas essa ação eu via (Docente 8)

As(os) entrevistadas(os) se manifestaram com relação a abordagem da temática em ações desenvolvidas pela segurança pública:

Chamaram por parte da Brigada que veio falar sobre essa temática de violência, álcool, drogas e coisa [...] quando foi com a brigada foi em relação realmente a violência que estava ocorrendo na cidade.. aqui na volta, porque nós temos aqui (uma comunidade) [...] que tem muito ponto de drogas, foi muito abordado nesse sentido. (Docente 1)

Uma vez que eu lembro bem era a função de uns Guardas Municipais que vieram, aí eles vieram falar sobre.. assim de tudo um pouco e aí entraram no tema, de drogas ... uns perguntavam como era depois que se pegassem com drogas na escola, o que ia acontecer depois. Eles queriam muito saber o depois, se ia preso ou não ia preso (Docente 6)

(PROERD) eram oferecidos vídeos e situações para os alunos que tipo, ah decora que isso aqui não pode fazer! Muito estreito sabe? Não sei explicar, mas parecia uma coisa decorada, sabe um papagaio decorado e no final do curso tu vai lá e jura: Ah eu juro que não vou fazer tal coisa, sabe? [...] Porque é exatamente aquilo ali, são uns bonequinhos (discentes) empalhados dizendo: sim senhor! E aí? Complicado né! Então dava pena de ver no final tinha formatura do PROERD [...] Qual foi o alcance daquilo que foi oferecido para eles, porque a gente sabe que cai por terra (Docente 8)

Em relação a abordagem da temática em ações desenvolvidas pela universidade as docentes trazem os seguintes relatos:

Uma vez também foi em forma de palestra, só que ai acho que era um grupo também de pesquisa da universidade [...] eles falaram dos tipos de drogas e os alunos perguntavam. (Docente 1)

A outra vez que eu assisti foi com pessoal da universidade, [...] não me lembro se da área da saúde ou era da pedagogia. E o que foi trabalhado, era sobre os tipos de drogas, efeitos, todos malefícios, porque benefícios nenhum! Mas todos os malefícios, as causas, o que que podia acontecer com aquele aluno que fosse pego com drogas, até assim, meio que para alertar eles bem do perigo de trazer pra dentro da escola. (Docente 6)

Em contrapartida também as(os) docentes descrevem como é abordada a temática em sala de aula, na disciplina que lecionam.

Abordo esses assuntos com a experiência dos próprios alunos. Principalmente dos mais velhos (se referindo aos discentes do EJA). Nesses assuntos eles trazem suas experiências de vida para dentro do debate. Faço uma explanação, uso material impresso, leitura e a partir disso abro para troca de ideias, para socializar [...] quando vê a fala de uma pessoa mais velha eles veem que é possível sim se enredar nessa questões das drogas e se prejudicar. Quanto custa muitas vezes para o indivíduo o envolvimento com drogas e a questão do álcool. Mas de fato no geral, quando trato sobre as drogas no geral abordo os efeitos nocivos que elas trazem [...] as consequências [...] o acesso a internet é fácil buscar uma literatura do assunto [...] o texto acaba sendo o ponto de partida (Docente 3).

A minha disciplina ela, de certa forma, ela acaba sendo livre e é muito mais fácil trabalhar esse tipo de coisa [...] quando eu trabalho redação são temáticas interessantes de puxar para dentro da sala e até mesmo dentro da literatura. Porque muitos personagens, da literatura eles tinham uma vida que perpassou tanto pelo álcool como pelas drogas (Docente 8)

A abordagem ela se dá de uma forma natural, quando tu vai exemplificando algum conteúdo da teoria em sala de aula. Eu repito, quando vai abordar um tema, não necessariamente trabalhar o tema (Docente 4)

Nas entrevistas são descritas situações em que os(as) docentes se deparam com discentes que fazem uso de alguma substância e precisam lidar com esta situação.

Mas teve situações sim nesse sentido.. esses dias teve um aluno que quando começou a aula, ele estava numa crise de ansiedade porque ele estava muito tempo sem usar drogas. E ele falou abertamente que estava inquieto [...] porque estava muito tempo sem droga, então ai é claro a gente começou a conversar. No primeiro momento ele ficou até um pouco receoso, porque eu cheguei mais pra perto da mesa dele e ele entendeu que eu poderia tá cuidando ele pra que de repente ele não tivesse um ataque, uma crise violenta.. então tá a gente seguiu conversando e até eu conheci mais ele, ele gostava de fazer composição de músicas de RAP e ele começou a ficar mais desinibido depois de um certo tempo, até porque tinha outros colegas junto e a turma estava reduzida, até ele falou do trabalho dele (Docente 3)

O despertar da consciência dos(as) docentes sobre a temática

Eu vejo que os alunos, eles gostam no geral, é um tema que chama muita atenção, faz parte da realidade deles [...] então, principalmente porque aqui tem muito aluno também que é morador de zonas bastante assoladas pela violência, então acaba sendo um assunto interessante, que tem muito a ver com o dia a dia deles. (Docente 3)

Não é fazer desdém do trabalho dos outros, mas às vezes o aluno está olhando aquela pessoa de farda sem expressão de rosto, sem nada falando para ele:

tu não deve usar droga porque isso vai te fazer mal, tu não deve beber que isso vai de fazer mal, tu não deve papapapá [...] É diferente um adolescente ouvir um depoimento, ouvir uma história de vida ou ele ler um folder dizendo porque que ele não deve beber, porque não deve usar, qualquer outro tipo de droga. (Docente 8)

Limites e desafios de trabalhar temas transversais nas disciplinas que lecionam:

Eu acho que seria um desafio mesmo assim, de tentar trazer para dentro da sala de aula esses temas não é muito fácil, às vezes eu acho que a gente não é muito preparado para trabalhar sobre, então o que perguntam a gente acaba respondendo do nosso jeito [...] acho que não me sinto muito habilitada pra falar mesmo assim! (Docente 6)

É um tema bem complicado.. porque, assim eu não me sinto segura suficiente para muitas vezes estar [...] abordando diretamente quando tenho um aluno na sala de aula [...] às vezes assim me sinto insegura ... porque qual é o meu receio? A reação do aluno! (Docente7)

Limites e desafios na relação dos(as) docente com os (as) discente que fazem uso de alguma substância:

Olha, eu acho que limite, acredito que não, assim, mas o difícil é, seria eu escutar o depoimento daqueles alunos que estão ali. Que às vezes a gente não imagina, o que eles passam, o que eles vivem, vivenciam, dentre de casa, com amigos próximos, e ai às vezes a gente não se dá conta, porque que o aluno está distraído, porque está sonolento, porque que está tão triste, porque que não acompanha, porque que está tão desinteressado. E ai, ai mexe com o emocional [...] ai acho que esse é o maior desafio, e tu te manter, e tu tentar orientar da melhor forma possível (Docente 2)

É difícil eles chegarem e te falarem alguma coisa exatamente, mas tu percebe às vezes quando um aluno pode estar ou alcoolizado, ou principalmente com uso de maconha [...] Eu me recorde é de um aluno, que era certo que ele vinha depois que ele usava a maconha, tu via né? Às vezes ele se tornava até um pouco agressivo, eu sempre tentei levar pelo lado, assim, sem enfrentar o

aluno. Que tem muitos professores que batem de frente, aí corre um certo risco, porque tu nunca sabe qual a reação, ainda mais adolescente, então eu sempre tentava conversar numa boa (Docente 1)

Os(as) docentes falam sobre o que consideram que é possível fazer na escola com relação à temática de álcool e outras drogas.

Eu acho que tentaria chamar alguém da saúde, principalmente, ou alguém... algum ex usuário que pudesse vir dar um depoimento, coisa assim, porque, infelizmente a gente sempre tem alguém perto da gente, eu tenho uma amigo muito próximo [...] eu acho que ele poderia vir falar, tranquilamente, a escola também é muito aberta para isso, claro eu avisaria, pediria permissão, toda aquela história, mas eles estando cientes são muito tranquilos com isso, assim, aceitariam numa boa, tanto uma declaração de um amigo, de algum conhecido, como principalmente da área da saúde né? Da área da saúde é mais tranquilo (Docente 2)

Eu procuraria trabalhar em parceria com outros colegas, como eu sou da área das linguagens provavelmente com algum professor de português, de artes também daria para fazer um trabalho bem integrado, com pesquisa, produção... produção artística, produção textual, encenação, também dá pra fazer “n” trabalhos com a questão da temática, pesquisas também, na comunidade também, pesquisa na própria escola dá pra também fazer (Docente 5)

Eu sempre acreditei que se as escolas fizessem mais atividades relacionadas ao esporte [...] eu penso o seguinte, quem faz atividade física, não vai procurar uma fuga, nem no álcool, nem em droga nenhuma (Docente 8)

Eu acho que tem que começar a trabalhar isso a partir de 5ª série, 6ª série.. no noturno massificar isso e.. que bom se gente tivesse na escola serviço de psicologia que nos auxiliasse, para nós seria super interessante, nós aprenderíamos muito, teríamos como colaborar... (Docente 9)

Agora me dei conta, eu acho assim óh, política pública, por exemplo [...] são uma 90 escolas aí pela cidade, uma comissão, ou um grupo né na própria SMED (Secretaria Municipal de Educação Desporto), com alguns profissionais da secretaria e comunidade, seja alguns desses segmentos, conselhos municipais de saúde, Redução de Danos [...] então chamar esse pessoal,

chamar o pessoal da educação, os diretores de escola, e talvez esboçar uma cartilha, um forma sistematizada de abordagem no município, estendendo a todas as escolas (Docente 10)

Discussão

O presente estudo resultou na construção da temática intitulada “Práxis da conscientização ao engajamento: Ações na escola quanto ao temário de álcool e outras drogas”, a qual foi produzida articulando os dados obtidos do segundo eixo relacionado as ações na escola quanto ao temário de álcool e outras drogas, onde os(as) docentes relatam se identificam esses tipos de ações dentro da escola, comentando como foram desenvolvidas tais intervenções, descrevendo quem as promoveu, como foi a abordagem e se participou desse momento. Enfatiza-se ainda os desafios e limites da Práxis docente quanto ao temário de álcool e outras drogas na escola, obtidos através dos dados gerados a partir do primeiro e do terceiro eixo, no qual os(as) docentes verbalizam se, e como, trabalham esse tema no conteúdo da disciplina que lecionam, assim como descrevem a relação docente com situações vivenciadas quanto ao temário de álcool e outras drogas. Ainda se destaca as possibilidades de uma Práxis docente quanto ao temário de álcool e outras drogas em uma escola pública, articulando dados obtidos nos três eixos que apontam possibilidades na escola em relação ao temário.

A Práxis da conscientização ao engajamento: Ações na escola quanto ao temário e álcool e outras drogas

Para análise desta temática destaca-se dois conceitos desenvolvidos nas obras de Paulo Freire: conscientização e engajamento. Entende-se que a partir do questionamento direcionado aos(as) docentes sobre ações desenvolvidas na escola quanto ao temário de álcool e outras drogas, sinaliza-se as possíveis, ou não possíveis, práxis docente. Assim como o despertar da consciência crítica do(a) docente referente a temática poderá, ou não se tornar engajada, pois “a consciência

transitiva crítica é engajada, ela significa o mundo num comportamento corpóreo: é “lógus e práxis” transformadora” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p. 88).

Nos relatos contidos nas entrevistas se destacaram as vagas lembranças dos(as) docentes sobre ações desenvolvidas na escola, por vezes não recordavam ter ocorrido tais intervenções, como relatado pelo docente 5. Além do mais, a temática é abordada esporadicamente pela escola, como exposto pelos(as) docentes 5, 6 e 10.

A esporadicidade de ações referentes ao álcool e outras drogas na agenda do ano letivo não dá visibilidade para a temática que por consequência não estimula o desenvolvimento à consciência crítica da comunidade escolar, inclusive do corpo docente. Segundo Freire (1980) é através de uma reflexão sobre o ambiente concreto, sobre sua situação que o homem chega a ser sujeito. Sem haver concretude dessas ações dentro da escola o homem não se torna sujeito, nem mesmo se conscientiza sendo que a “condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente” (FREIRE, 2002, p. 77).

Das esporádicas intervenções realizadas na escola os(as) docentes relataram que além das atividades desenvolvidas por alguns deles(as) tanto em sala de aula quanto noutros espaços da escola, ocorreram também ações vinculados a dois seguimentos distintos: Segurança Pública e Universidade como exposto nas falas das(os) docentes 1, 3 e 8. Ambos relatos afirmam realização de ações pontuais, realizadas por segmentos que depositavam informações em um encontro, de uma determinada data, ou em um determinado período e acabava. Tempo esse insuficiente para conhecer as relações no espaço escolar, as experiências de vida e o conhecimento sobre o assunto, daqueles que recebem essas intervenções estabelencendo assim o modelo de educação bancária que conforme Freire (2014), acaba por desconhecer a historicidade dos homens através de sua concepção e prática. Desconsiderando a reflexão embasada no conhecimento de vida dos(as) discentes sobre o assunto abordado, a educação bancária ocorre de modo que os(as) discentes sejam meros ouvinte, de acordo com Freire (1979) os conhecimentos são obtidos passivamente como um depósito pelo educando.

Apesar do predomínio da educação bancária os viéses de abordagens de cada seguimento se deu de forma diferente. Nas falas das docentes 1, 6 e 8 ao mencionarem sobre as intervenções realizadas por órgãos da segurança pública ficou

evidente o direcionamento da abordagem para questões decorrentes da violência em relação ao álcool e outras drogas, sendo este o motivo de realizarem tais intervenções, uma forma de assegurar que diminua, ou mesmo não haja violência. Como se a intervenção sobre álcool e outras drogas fosse algo estanque, capaz de “domesticar” condutas de diversas ordens. Freire (2014) afirma que este tipo de intervenção que não considera a historicidade do homem, cumpre um papel de domesticação, negando ao homem a possibilidade de humanizar-se pois se afasta da sua experiência e da sua intervenção no mundo real, descolada de sua história de vida e do seu contexto.

Também foi mencionado na fala da docente 7 um programa ministrado pela segurança pública do qual no final havia formatura com juramento, onde a docente enfatiza a questão da verticalidade e opressão do programa evidenciando a educação bancária. Segundo Freire (2014) memorizar o conteúdo narrado não oportuniza o conhecimento, pois não os convoca a conhecer e sim a decorar. Esta narrativa docente demonstra uma análise crítica sobre este modo de educar, pouco efetivo na transformação da realidade que se vive.

As intervenções realizadas pela Universidade, relatadas pelas docentes 1 e 6 ainda que instrutivas, não deixam de ser consideradas uma educação bancária. Freire (2002) ao refletir sobre o que aprendemos nas universidades para uma implicação pedagógica afirma que as mesmas, apesar de se dizerem comprometidas com a educação libertadora, reproduzem os mitos que negam a humanização. Desta forma ocorre uma ação distante da conscientização, não pelo conteúdo abordado mas sim pela forma de abordar. Segundo Freire (1980) para alcançarmos uma esfera crítica onde o homem assume uma posição epistemológica através da realidade como objeto cognoscível é necessário que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade o que implica na conscientização.

Em contrapartida das intervenções anteriores os relatos das(os) docentes 3, 8 e 4 sobre as abordagens em sala de aula referente a temática enquanto temas transversais é notável um distanciamento da prática bancária. Conforme Freire (2014) diferente da prática de dominação, a educação como prática da liberdade requer que haja conexão do homem com o mundo negando o homem isolado, abstrato, solto, bem como negando o mundo como uma realidade ausente dos homens.

Ainda sobre experiências de uma educação libertadora e consciente o docente 3 relata o diálogo com um discente em crise de ansiedade por abstinência, a dialogicidade é transversal a práxis. Diante a situação de crise relatada pelo docente 3 a confiança foi estabelecida através do diálogo. Freire (2014) nos diz que a confiança faz com que, o que ele denomina de sujeito dialógico, faz com que este diálogo com o mundo torne as pessoas mais parceiras umas das outras. Afirma ainda que esta confiança e diálogo implica no seu testemunho aos outros de suas intenções concretas.

Em meio ao resgate das lembranças das ações sobre álcool e outras drogas na escola começam os ensaios ao desenvolvimento da consciência sobre a temática. Verbalizado pelos(as) docentes 3 e 8 a importância de abordar essa temática e a necessidade que emergem dos discentes, relatam que embora haja intervenções as mesmas não condizem com uma educação libertadora, reflexiva que faça diferença na vida dos(as) discentes.

Segundo Freire (1979) é muito importante quando as pessoas atuam e refletem ao mesmo tempo, porque este exercício de reflexão sobre sua prática possibilita apreender acerca dos condicionamentos dados pela estrutura. O autor evidencia que embora este exercício crítico e reflexivo não implique na mudança da estrutura, a pessoa é capaz de perceber a estrutura e isto provoca uma mudança na sua percepção. Como exposto no relato da docente 8 que traz uma percepção do que não é condizente com a real demanda da escola e inclusive começa a traçar ideias para o que não condiz.

Diante essas distintas intervenções e abordagens surgem os desafios e limites de trabalhar temas transversais nas disciplinas das quais as(os) docentes lecionam, assim como desafios e limites na relação docente com discente que apresentam situações decorrentes do uso de alguma substância.

As docentes 6 e 7 relatam desafios e limites de trabalhar a referida temática em suas disciplinas apontando o despreparo para trabalhar a temática e a insegurança em relação a reação dos(as) discentes. Freire (2013) afirma que fora do risco da disponibilidade é impossível criar a segurança, considerando que os saberes e a prática educativa estão vinculados a disponibilidade curiosa da vida, a seus desafios, testemunhando a abertura aos outros como objeto de reflexão crítica.

Ao se tratar dos desafios e limites na relação docente com discente em situações vivenciadas quanto ao consumo de álcool e outras drogas foi mencionado pela docente 2 o desafio da escuta que mobiliza o emocional da mesma. Segundo Freire (2013) é necessário abrir-se a realidade dos discentes, diminuir as estranhezas, que não seja uma questão geográfica diminuir a distância da realidade hostil que vivem os discentes com que partilham atividade pedagógica e sim uma questão de real adesão da parte docente aos discentes ao seu direito de ser.

A docente 1 também expõe a falta de preparo na abordagem com o(a) discente, porém equivale a uma situação distinta ao da docente 2. Nesta, a docente 1 relata as situações de enfrentamento do(a) discente que está sob efeito de alguma substância e as estratégias que ela utiliza para amenizar esses conflitos dentro da sala de aula. Inclusive relata que alguns colegas abordam de forma diferente.

Os relatos dos(s) docentes 2, 5, 8, 9 e 10 transversais aos três eixos questionados, transbordam de possibilidades, é a consciência que começa a se manifestar. Para Freire (1980) assumimos um compromisso com a transformação quando nos tornamos conscientes, desta forma nos tornamos mais capacitados para ser anunciadores e denunciadores.

Nas falas da docente 2 e do docente 5, ambos anunciam possibilidades para abordagem da temática como tema transversal. O relato da docente 2 evidencia possibilidades diante do desafio já citado pela mesma que começa a diminuir a distância com a realidade dos(as) discentes quando sugere trazer ex usuários para falar sobre o assunto. Conforme Freire (2013) a capacidade de compreender e responder aos desafios está condicionada a compreensão do mundo. O docente 5 abre alternativas para desenvolver um trabalho interdisciplinar com os demais colegas docentes, inclusive expande a ideia para envolver a escola e a própria comunidade em forma de pesquisa, o que também proporciona a proximidade com a realidade discente.

A docente 8 e o docente 9 anunciam possibilidades, denunciando o que poderia ser de responsabilidade da escola, como o investimento em atividades esportivas citado pela docente 8 e a inserção de um(a) profissional da psicologia tanto para auxiliar docentes e demais funcionários a lidar com situações relacionadas a temática dentro da escola, quanto para dar suporte nas orientações diretamente com discentes.

A conscientização do docente 10 foi para além de intervenções pontuais, ampliou a demanda para uma responsabilidade de gestão. Com um olhar macro compreende-se que a esporadicidade de ações na escola referente a temática é uma questão de política pública que deve ser incorporada por todas escolas, com envolvimento intersetorial, sistematizando uma abordagem para o município que se estenda a toda rede de ensino inclusive com suporte de políticas já existentes como a Redução de Danos. Para além do micro deve haver envolvimento e comprometimento do macro, segundo Freire (2017) o que afirma o engajamento é sobretudo, compromisso ético e político.

Estes cinco relatos que denunciam e anunciam sonhos possíveis, anunciam também o despertar da consciência indicando como possibilidades: aproximar a escola da realidade, seja trazendo relatos da experiências de ex usuários para dentro da escola, como a escola indo para a comunidade para elaboração de pesquisa sobre a temática. Apontam também como possibilidades o trabalho interdisciplinar, o investimento em projetos de vida, como dado o exemplo do esporte, e de apoio para compreensão desses adolescentes quando afirmam a necessidade de ter um(a) profissional da psicologia na escola. Ainda ampliam as possibilidades para o olhar macro de investimento em políticas públicas, potencializando articulações intersetoriais, formação docente em perspectiva de rede intersetorial e construção coletiva de abordagens em relação ao álcool e outras drogas para todas escolas do município.

Segundo Freire (1980) o sujeito comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la é aquele que emerge plenamente consciente sobre a realidade, sobre sua situação concreta, onde o ato de conhecimento, de aproximação crítica da realidade é o que torna a educação como prática de liberdade, pois uma unidade dialética não pode existir fora da práxis a conscientização, ou melhor, sem o ato de ação-reflexão de forma permanente, para transformar o mundo.

Considerações finais

Considerando que há esporadicidade na agenda do ano letivo relacionada a temática de álcool e outras drogas, abordada pontualmente e de forma bancária, entende-se que estas circunstâncias não favorecem o estímulo ao desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o tema. Porém, os(as) docentes ao refletirem sobre isso despertaram para os ensaios da conscientização, destacando a importância de trabalhar este temário e anunciando possibilidades para tanto. O despertar da conscientização docente emergiu frente a reflexão sobre a realidade das ações na escola quanto ao temário de álcool e outras drogas. Diante os anúncios e as denúncias, os(as) docentes tomam consciência para mudança de si e do contexto que estão inseridos traçando possibilidades de uma dimensão individual e coletiva para que ocorram essas mudanças de inclusão da questão em estudo transversal à práxis docente.

O movimento da práxis é anunciado através da conscientização docente. Apartir do que indicam como possibilidades é notável a consciência crítica que os(as) docentes deste estudo desenvolveram compreendendo que a práxis sobre a temática tem que olhar para o sujeito na sua integralidade. Não é o conteúdo da disciplina docente que vai dar conta desta demanda, nem mesmo uma ação pontual abarrotada de informação tecnicistas ou opressoras, é o olhar subjetivo dos(as) docente em articulação interdisciplinar, intersetorial e contudo humano e sensível aos atravessamentos de vida dos(as) discentes. Cabe ressaltar que as possibilidades podem partir dos(as) docentes, assim como da gestão escolar, porém a dimensão individual do(a) docente é fundamental inclusive para constatar sobre esta realidade e delinear sobre as abordagens.

Apesar de verbalizarem o despreparo para dialogar sobre a temática ou mesmo intervir em situações vivenciadas dentro da escola em relação ao álcool e outras drogas, o despertar diante da realidade, das vivências e disponibilidade para tal, pode acionar uma construção coletiva e possível, contemplando as demandas e necessidades reais que emergirem sobre o álcool e outras drogas em uma escola pública.

Referências

BOMFIM, Alexandre Maia do et al . Parâmetros curriculares nacionais: uma revisita aos temas transversais meio ambiente e saúde. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 1, p. 27-52, Apr. 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462013000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 18 June 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462013000100003>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre projetos de pesquisa envolvendo seres humanos [Internet]. Brasília, 2012 [Acessado em: 2015 Jun 14]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998a. 174 p.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998b. 436 p.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Instrutivo PSE / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica.. – Brasília : Ministério da Saúde, 2011.

CORDÁS, Táki Athanássios; MORENO, Ricardo Alberto. *Conduitas em Psiquiátria* / editores Táki Athanássio Córdas, Ricardo Alberto Moreno. 4 ed. rev. e ampl. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 9a, Paz e Terra. (O Mundo, Hoje, v. 10), 2002d.

FREIRE. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

_____. *Educação e Mudança* / Paulo Freire; tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 Coleção Educação e Comunicação vol. 1

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.

_____. *Pedagogia do oprimido* / Paulo Freire 56ª ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GUARESCHI, P. A. Sociologia crítica: alternativas de mudança / Pedrinho A. Guareshi. 62. Ed., rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

MALTA, Deborah Carvalho; OLIVEIRA-CAMPOS, Maryane; Prado, Rogério Ruscitto do; Andrade, Sylvania Suely Caribé; Mello, Flávia Carvalho Malta de; Dias, Antonio José Ribeiro; Bomtempo, Denise Birche. Uso de substâncias psicoativas, contexto familiar e saúde mental em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (PeNSE 2012). REV BRAS EPIDEMIOL SUPPL PeNSE, Rio de Janeiro. 2014; 46-61

MEYER M. Guia prático para programas de prevenção de drogas. São Paulo: Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein; 2003. Disponível em <https://pt.slideshare.net/Elizeu9812/guia-prevencao-alberteinstein>. Acesso em: 29 de agosto de 2018.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde./ Maria Cecília de Souza Minayo. – 12° ed. – São Paulo: Hucitec; 2010.

PAIM, Antonio. Tratado de ética. Londrina, Ed. Humanidades, 2003.

STIVAL, M. C. E. E.; FORTUNATO, S. A. O. Dominação e reprodução na escola: visão de Pierre Bourdieu. In: VIII Congresso nacional de educação – EDUCERE e III Congresso Ibero-Americano sobre violência nas escolas – CIAVE, Curitiba, 2008.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. – 3. ed. 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

IV Considerações Finais

IV Considerações Finais

Considerando que há esporadicidade na agenda do ano letivo relacionada a temática de álcool e outras drogas, abordada pontualmente e de forma bancária, entende-se que estas circunstâncias não favorecem o estímulo ao desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o tema. Porém, os(as) docentes ao refletirem sobre isso despertaram para os ensaios da conscientização, destacando a importância de trabalhar este temário e anunciando possibilidades para tanto.

O despertar da conscientização docente emergiu frente a reflexão sobre a realidade das ações na escola quanto ao temário de álcool e outras drogas. A partir da reflexão crítica da realidade os(as) docentes se libertam e se tornam capazes de libertar em comunhão a partir dos ensaios da conscientização e do movimento de uma possível práxis. Diante os anúncios e as denúncias, os(as) docentes tomam consciência para mudança de si e do contexto que estão inseridos traçando possibilidades de uma dimensão individual e coletiva para que ocorram essas mudanças de inclusão da questão em estudo transversal à práxis docente.

O movimento da práxis é anunciado através da conscientização docente que indicam como possibilidades aproximar a escola da realidade, seja trazendo relatos da experiências de ex usuários para dentro da escola, como a escola indo para a comunidade para elaboração de pesquisa sobre a temática. Apontam também como possibilidades o trabalho interdisciplinar, o investimento em projetos de vida, como dado o exemplo do esporte, e de apoio para compreensão desses adolescentes quando afirmam a necessidade de ter um(a) profissional da psicologia na escola. Ainda ampliam as possibilidades para o olhar macro de investimento em políticas públicas, potencializando articulações intersetoriais, formação docente em perspectiva de rede intersetorial e construção coletiva de abordagens em relação ao álcool e outras drogas para todas escolas do município.

Apartir do que indicam como possibilidades é notável a consciência crítica que os(as) docentes deste estudo desenvolveram compreendendo que a práxis sobre a temática tem que olhar para o sujeito na sua integralidade. Não é o conteúdo da disciplina docente que vai dar conta desta demanda, nem mesmo uma ação pontual abarrotada de informação tecnicistas ou opressoras, é o olhar subjetivo dos(as)

docente em articulação interdisciplinar, intersetorial e contudo humano e sensível aos atravessamentos de vida dos(as) discentes.

Cabe ressaltar que as possibilidades podem partir dos(as) docentes, assim como da gestão escolar, porém a dimensão individual do(a) docente é fundamental inclusive para constatar sobre esta realidade e delinear sobre as abordagens.

Apesar de verbalizarem o despreparo para dialogar sobre a temática ou mesmo intervir em situações vivenciadas dentro da escola em relação ao álcool e outras drogas, o despertar diante a realidade, das vivências e disponibilidade para tal, pode acionar uma construção coletiva e possível, contemplando as demandas e necessidades reais que emergirem sobre o álcool e outras drogas em uma escola pública.

‘Agora me dei conta’ desperta o sujeito para sua existência neste lugar. O sujeito se dá conta de refletir sua práxis, porque ele(a) esteve disponível para tal. Os(As) docentes já reconhecem este lugar e os limites e desafios para sua suas ações, porém há necessidade de disponibilidade para que esta consciência seja engajada, tornando assim a práxis possível na inconclusão e em permanente movimento.

‘Agora me dei conta’ desperta a disponibilidade. O sujeito/docente reconhece não dominar todos os conceitos, como exemplo a temática de álcool e outras drogas, porém reconhece que diante esta demanda há sujeitos singulares atravessados de questões psicológicas, biológicas, sociais, culturais, espirituais, entre tantas outras e que para chegar este sujeito não precisa dominar conceitos e sim ter disponibilidade.

‘Agora me dei conta’ é o despertar dos sonhos possíveis pelas concepções de Freire, que almeja na docência conscientização, engajamento, ação/reflexão, uma educação inquieta, curiosa, libertadora e transformadora.